

2º Ciclo de Estudos
Tradução e Serviços Linguísticos

Relatório de Estágio – Civilização Editora Flávia Raquel Santos Vicente

M

2016



Flávia Raquel Santos Vicente

Relatório de Estágio – Civilização Editora

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos,
orientado pelo Professor Doutor Thomas Hüsgen
e coorientado pela Professora Dra. Andrea Iglesias

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

Relatório de estágio – Civilização Editora

Flávia Raquel Santos Vicente

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos,
orientado pelo Professor Doutor Thomas Hüsgen
e coorientado pela Professora Dra. Andrea Iglesias

Membros do Júri

Professor Doutor Thomas Juan Carlos Hüsgen
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro Mendonça
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria de Fátima da Costa Outeirinho
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer:

Ao meu orientador, Professor Thomas Hüsgen, pelo apoio, recomendações, todos os ensinamentos e discussões teóricas, presentes não só em todas as cadeiras lecionadas, mas também nos seminários com os orientandos, os quais providenciaram várias perspetivas da tradução.

À minha coorientadora, Professora Andrea Iglesias, pela ajuda, disponibilidade, conselhos e, também, pelos vastos conhecimentos transmitidos ao longo do percurso académico, sempre com dedicação, sinceridade e abertura ao diálogo com os alunos.

À Civilização Editora, pela oportunidade concedida, permitindo-me concretizar o sonho de traduzir livros. Um especial obrigado à minha orientadora na Civilização, a Dra. Isabel Silva, por todo o apoio e disponibilidade demonstrada ao longo do estágio, pelos seus conselhos e críticas construtivas e, também, pela partilha dos conhecimentos do mundo editorial.

A todos os amigos que, de uma forma ou de outra, me proporcionaram momentos de incentivo e *coragem* para a realização do estágio e do presente relatório. Um especial obrigado à minha corretora de vírgulas por todo o tempo perdido comigo e pela amizade.

À minha família, que me guiou ao longo do meu crescimento pessoal e académico, por todo o apoio.

Resumo

O presente relatório tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas durante o estágio curricular realizado na Civilização Editora, inserindo-se no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos. O estágio decorreu de 6 de janeiro a 6 de abril, em regime *freelancer*, ou seja, não presencial. Como os livros traduzidos pertencem à categoria infanto-juvenil e são de cariz humorístico (repletos de jogos de palavras), a teoria apresentada pretende explorar as principais características destes dois géneros, bem como os fatores que acabam por condicionar a tradução, os problemas mais frequentes e possíveis estratégias de tradução, atendendo ao público-alvo, tipo de texto e objetivo. No segundo capítulo, apresentam-se a editora e as indicações para as traduções a efetuar ao longo do estágio e descrevem-se os livros traduzidos, tanto a nível de conteúdo como de dificuldades de tradução. Por último, numa parte mais prática do relatório, expõem-se os problemas de tradução encontrados nos três livros traduzidos (“How to Train your Parents”, “My Parents are out of Control” e “My Parents are driving me Crazy” do autor Pete Johnson) divididos consoante a tipologia (cultural, linguística, tradução de humor e de nomes).

Palavras-chave: relatório de estágio, tradução literária, literatura infanto-juvenil, tradução de humor

Abstract

This report aims to provide a description of the activities carried out during the internship at the Portuguese Publisher Civilização Editora. This internship is part of the Master's degree in Translation and Language Services and took place between the 6th of January and the 6th of April, as a freelance translator (working from home). As the books translated fall into the category of children's books with a humorous tone (filled with wordplays), the main theory discussed intends to develop and point out the key characteristics of both genres, as well as the factors that influence and condition the translation. It will also address the most common problems and translation strategies, taking into consideration the target audience, type of text and purpose. The second chapter introduces the Publisher and the translation guidelines, to be followed throughout the internship, giving information on the translated books (contents and translation difficulties). The third chapter is set to be the most practical part of the report, as it deals with the translation problems found in the three books: "How to train your Parents", "My Parents are out of Control" and "My Parents are driving me Crazy" by Pete Johnson. The translation problems are categorized according to the following typology: cultural and linguistic problems, translation of humour and translation of proper nouns (names).

Keywords: internship report, literary translation, children's literature, translation of humour

Índice

Agradecimentos.....	VI
Resumo.....	VII
Abstract	VIII
Introdução.....	1
1. Enquadramento teórico	3
1.1. Tradução de Literatura Infanto-juvenil	3
1.2. Tradução de literatura humorística	7
2. Descrição do Estágio	11
2.1. Local de estágio – Civilização Editora.....	11
2.2. Características do estágio e procedimentos.....	11
2.3. Livros Traduzidos.....	13
2.3.1. Produtividade	14
2.3.2. Apresentação dos livros	15
2.3.3. Indicações da Editora.....	19
2.3.4. Marcas a manter na tradução	22
3. Problemas de Tradução.....	25
3.1. Problemas do Foro Cultural	26
3.1.1. Convenções Culturais	26
3.1.2. Referências Culturais	29
a. Programas de televisão e literatura.....	29
b. Citações	32
c. Hábitos e costumes	34
I. Celebrações	34
II. Estações	36
III. Atividades Lúdicas	36
3.1.3. Gastronomia.....	37
3.1.4. Topónimos e estabelecimentos	40

3.2. Problemas do Foro Linguístico	42
3.2.1. Léxico	42
a. Léxico Coloquial.....	42
b. Preferência por léxico mais geral na tradução.....	46
c. Recurso a Hiperónimos	47
d. Consistência Terminológica.....	48
3.2.2. Expressões Idiomáticas	50
3.2.3. Estrangeirismos.....	53
3.2.4. Formas de Tratamento	55
3.2.5. Questões de Género	56
3.2.6. Outros	57
3.3.Tradução de Humor	59
3.4. Tradução de Nomes	63
Conclusão	67
Bibliografia.....	69
Anexos.....	74
Anexo 1 – Protocolo de Estágio	74
Anexo 2 – Declaração de Realização e Conclusão de Estágio Curricular (Avaliação) ..	79

Índice de Figuras e Tabelas

Ilustração 1 – Tabela 1 Evolução do número de palavras traduzidas	14
Ilustração 2	16
Ilustração 3	17
Ilustração 4	18

Introdução

Este relatório de estágio tem como objetivo fazer uma descrição do estágio curricular realizado na Civilização Editora, o qual se insere no âmbito do programa curricular do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos. Perante a escolha entre um projeto de investigação ou um estágio curricular, a efetuar no segundo ano letivo, preferiu-se a segunda opção, de forma a ganhar experiência no mundo da tradução e a pôr em prática o que foi aprendido ao longo do percurso académico. Dado o grande interesse em livros e a ambição em vir a trabalhar em tradução literária, aproveitou-se a oportunidade para fazer um estágio numa editora, ficando, assim, a conhecer os desafios impostos por esta área da tradução.

O relatório iniciar-se-á com um enquadramento teórico, apresentando os princípios orientadores da atividade tradutiva. Uma vez que o estágio foi marcado por livros infanto-juvenis e de carácter humorístico, dividiu-se a primeira parte teórica em tradução de literatura infanto-juvenil e de literatura humorística. Em primeiro lugar, expõem-se alguns dos fatores presentes no género textual infanto-juvenil que condicionam a tradução e os cuidados a ter atendendo ao público-alvo, bem como as possíveis abordagens de domesticação ou estrangeirização. Em segundo lugar, explora-se a questão da problemática do humor para a tradução, tanto pelo seu carácter subjetivo, como pela complexidade linguística e cultural que possa assumir. Deu-se um maior destaque aos problemas a nível de jogos de palavras, uma vez que eram os mais comuns nos livros traduzidos, apresentando possíveis estratégias de resolução de problemas.

No segundo capítulo, faz-se uma descrição do estágio curricular em si, começando por uma apresentação da editora e do procedimento adotado ao longo dos três meses. Depois, efetua-se uma exposição mais detalhada dos livros traduzidos, tanto a nível de conteúdo como de dificuldades de tradução, e das indicações da editora, já que é um fator importante e que acaba por condicionar toda a abordagem às obras traduzidas.

No terceiro e último capítulo, apresentam-se os vários problemas de tradução que se encontraram ao longo do estágio curricular, organizados por tipologia (culturais, linguísticos, tradução de humor e de nomes), ilustrados com exemplos retirados dos livros e com comentários em que se explica como se obteve as soluções. Sempre que necessário,

procedeu-se à explicação do contexto em que surgia determinada frase, de forma a compreender efetivamente o problema em questão.

1. Enquadramento teórico

1.1. Tradução de Literatura Infanto-juvenil

Como Elena Paruolo comenta, a tradução literária é orientada por um conjunto de princípios, como “fidelidade ao texto original, a qualidade estético-literária do texto em questão, os aspetos comerciais e editoriais”¹ (Paruolo, 2010: 50). Do mesmo modo, a literatura infanto-juvenil está também sujeita a um conjunto de fatores que condicionam a própria atividade de tradução, sejam estes por motivos educativos ou editoriais, os quais podem incluir: simplificação de vocabulário, de forma a orientá-lo à faixa etária em questão, adição de comentários explicativos (muitas vezes em casos de diferença cultural), omissões, etc. (*ibidem*). Na tradução de literatura infanto-juvenil é necessário ter uma série de cuidados especiais e fazer diferentes alterações ao texto, tendo em conta as especificidades do destinatário, que não teriam lugar caso o público-alvo fosse outro.

Antes de abordar os principais desafios da tradução presentes neste tipo de literatura, bem como os procedimentos a adotar, revela-se importante tentar esclarecer de que se trata a literatura infanto-juvenil. Desde logo se revela um conceito complexo de definir tendo em conta a idade das crianças (como limitar a idade da infância e adolescência) e o mercado (diferença entre o trabalho literário escrito especificamente para crianças e aquele que acaba por ser lido pelas crianças), destacando-se, assim, o seu caráter abrangente.

Por um lado, torna-se difícil delimitar a idade do público a quem é primeiramente dirigida uma obra infanto-juvenil, até porque é possível que o conceito de idade sofra variações consoante a cultura. Podem considerar-se três etapas de desenvolvimento (Aguilera, 2008: 5): uma fase infantil inicial, até aos seis anos, consistindo de crianças que ainda não sabem ler; uma fase infantil de maiores de seis anos até à pré-adolescência, com crianças que já começam a aprender a ler e a escrever; da adolescência até aos dezasseis anos, aproximadamente. A partir desta idade já se entrará noutras categorias literárias mais direcionadas a jovens adultos.

No entanto, o desenvolvimento pessoal, social e cultural varia de indivíduo para indivíduo, o que irá refletir-se na escolha dos livros a ler (uma criança de dez anos já

¹ Tradução livre da autora. No original “...regarding faithfulness to the original, the literary-aesthetic quality of the text, the commercial and editorial aspects...” (Paruolo, 2010: 50)

poderá querer explorar livros um pouco menos infantis, por exemplo, procurando em categorias mais destinadas a jovens de treze ou catorze anos e vice-versa). Do mesmo modo, é necessário haver uma adequação tanto a nível de escrita, como de escolha de obras, à idade do público em questão, atendendo às diferentes capacidades de desenvolvimento cognitivo, de leitura e compreensão do texto (Mondim, 2013). A escrita de um livro destinado a jovens de quinze anos será obrigatoriamente diferente daquela para uma criança de seis anos, caso contrário corre-se o risco de se traduzir com um registo desadequado à idade, exibindo uma escrita ou demasiado infantil ou demasiado complexa (a nível de vocabulário, descrições, extensão de frases e parágrafos, tamanho do livro e tipo de letra...), acabando por alienar o público da obra, seja por perda de interesse, falta de desafio ou incompreensão. Daí ser extremamente importante tentar delimitar o mais cuidadosamente possível o público-alvo, adequando o texto traduzido no âmbito do léxico, gíria aceitável, nível de adaptações culturais, transformação de um texto de poesia em prosa, entre outros, pois um dos principais objetivos da literatura (particularmente a infanto-juvenil) é o de incentivar as faixas etárias mais jovens a desenvolver um gosto pela leitura.

Por outro lado, e segundo uma perspectiva de mercado (*ibidem*), surge a questão de quem são efetivamente os leitores dos livros infanto-juvenis, uma vez que há obras que foram especificamente escritas para crianças, mas que são lidas (também) por adultos (como é o caso do “The Hobbit” de J.R.R. Tolkien, “Harry Potter” de J.K. Rowling...) e, paralelamente, livros que foram escritos tendo em vista um público-adulto, mas que acabaram por ter sucesso entre as camadas mais jovens, depois de convenientemente adaptados (“Gulliver’s Travels” de Jonathan Swift...).

É, ainda, importante analisar a função da literatura infanto-juvenil, uma vez que não tem só uma vertente lúdica, mas também educativa (cf. Mondim, 2013), a qual se poderá refletir nos seguintes aspetos: a escrita do texto, sendo claro que quanto mais se lê, maior é o desenvolvimento linguístico, tanto a nível de compreensão leitora, como de capacidade de escrita; a simbologia que o autor insere nos seus textos, seja a nível de história (pela superação de uma personagem perante os desafios que encontra, relações pessoais e com o mundo), seja a nível de mensagem (podendo incluir uma moral no fim, como é o caso das fábulas, havendo até histórias e contos transmitidos de geração em geração).

Assim, através da leitura, as crianças poderão desenvolver a sua perspetiva do mundo, ao começar a adquirir uma compreensão das “normas e regras de socialização numa determinada cultura [...] hierarquias [...] atitudes e maneiras apropriadas de estar” (Mondim, 2013: 14). Para além disso, também poderão ser introduzidas a temas considerados mais “fortes” ou “difíceis de explicar” (para uma criança), de uma forma natural e lúdica, ao ler livros que abordem temas sociais como “divórcio”, “problemas de saúde”, “religião”, etc., até porque, muitas vezes, como os livros são lidos em voz alta para as crianças, estas acabam por ter alguém que discuta o tema em questão.

Tendo em conta esta vertente educativa da literatura, notam-se alguns cuidados especiais na mensagem a transmitir. Por um lado, tem de haver uma correção linguística, para que os leitores “absorvam” o texto e possam aprender e desenvolver o seu pensamento, seja a nível de construção linguística, seja a nível de vocabulário. Por outro lado, como os livros acabam por contribuir para a formação do universo da criança, a escolha das leituras é feita, frequentemente, de forma condicionada. Estes “intermediários” têm por hábito ser adultos, como os pais, que selecionam os livros que acham mais apropriados para os filhos, os professores, ou os editores que escolhem as obras a editar numa dada cultura (possivelmente que tragam uma maior rentabilidade económica), os quais são críticos no que acham ser o melhor e mais indicado para as crianças, tanto a nível de temas abordados, como de escrita (*ibidem*: 13).

Dado o carácter específico deste género de literatura, é importante ter alguns aspetos em consideração, aquando da tradução. Por um lado, há muitos livros infanto-juvenis que são ilustrados, variando na relação imagem-texto (por exemplo, livros que são compostos maioritariamente por ilustrações, tendo só uma ou duas frases por página...), e que requerem uma diferente abordagem na tradução. Tal deve-se ao facto de que, a princípio, não poderão ter notas de rodapé e a tradução estará condicionada pelo espaço disponível na página, tendo-se, muitas vezes, que proceder a cortes no texto de chegada (Valério, 2010: 10). Por outro lado, uma vez que há crianças que podem ainda não saber ler sozinhas, os livros acabam por ser lidos pelos pais (ou outros progenitores) em voz alta. Tal requer um cuidado especial na escrita, que deve ser natural e fluida, pois qualquer problema de redação (como por exemplo, assonâncias despropositadas) notar-se-á muito facilmente na leitura oral (*ibidem*: 14).

Outro aspeto fundamental a ter em conta é o léxico empregue na tradução, não só a nível de adequação ao desenvolvimento da criança, como já foi dito anteriormente, mas também pela preferência de vocabulário a que a criança esteja mais familiarizada. Tal poderá incluir termos e expressões usados frequentemente no dia-a-dia, como é o caso de vocabulário para se referir à escola, colegas e adultos (“TPC”, “marrar”, “tirar uma nega”, “cotas”, por exemplo), e léxico mais coloquial inerente à gíria juvenil. Este cuidado de ir ao encontro do horizonte de expectativa do leitor, através de uma linguagem mais corrente e familiar, aumentará a proximidade do público-alvo ao texto, porque se irá reconhecer nas palavras.

Uma vez que o horizonte da criança ainda se está a desenvolver, bem como as capacidades de compreensão e a forma como aprende a ver o mundo, começando a ir mais além do que a rodeia, um texto rico em elementos típicos de uma cultura que não a sua poderá causar algum estranhamento e confusão. Assim, quanto mais novas forem as crianças maiores serão as probabilidades de isto acontecer (Aguilera, 2008: 5). Dependendo do texto em questão e das possíveis indicações que tenha (do editor, autor...) o tradutor poderá ter de adequar a tradução, de forma a encontrar um equilíbrio que atenuar este estranhamento. De seguida apresentar-se-ão algumas estratégias a desenvolver na tradução, nomeadamente os procedimentos teóricos de Venuti e a sua aplicabilidade na tradução realizada.

De entre as abordagens possíveis a um texto, o tradutor poderá enveredar por um processo tradutivo de estrangeirização ou de domesticação, dependendo do público-alvo e do objetivo do texto na cultura de chegada. No conceito de estrangeirização privilegia-se o texto de partida, pondo-se em destaque as diferenças linguísticas e culturais aí presentes (cf. Venuti, 2008). Naturalmente, haverá um afastamento das normas da cultura de chegada, ao mesmo tempo que o leitor é “obrigado” a aproximar-se do texto de partida a fim de o compreender. Dadas as diferenças culturais existentes, o leitor poderá não ter o conhecimento suficiente da cultura de partida para entender o texto, especialmente se for um público mais jovem, o que levará a um estranhamento e conseguinte perda de interesse da leitura, ao mesmo tempo que falha o processo comunicativo da obra.

Contrastivamente, no conceito de domesticação dá-se prioridade ao texto de chegada. O tradutor tenta conseguir uma aproximação cultural ao atenuar as especificidades culturais do texto de partida, as quais poderão afetar a compreensão por parte do público-

alvo (*ibidem*). O nível de familiaridade a elementos estrangeiros dependerá das características do destinatário, pelo que a presença destes numa tradução condicionará a leitura e experiência da obra literária. Tal é especialmente relevante no caso de faixas etárias mais jovens, porque o seu desenvolvimento e exposição a outras culturas é, a princípio, menor. Estas adaptações em prol de uma domesticação poderão incluir a adição de elementos explicativos ao longo do texto, reformulação do texto, omissão de segmentos ou elementos culturais, substituição de referências culturais por equivalentes mais conhecidos na cultura de chegada, entre outros.

É importante realçar que um tradutor não tem de optar exclusivamente pela estrangeirização ou domesticação de um texto. Pelo contrário, poderá apostar num equilíbrio entre estas duas teorias de forma a obter a melhor tradução possível, atendendo às necessidades do público-alvo, a qual esboçará características de uma e de outra abordagem (Mondim, 2013: 5).

Desta forma, a estratégia que orientou a tradução dos livros, a explorar no capítulo “Livros traduzidos”, seguiu uma abordagem de domesticação “moderada”, uma vez que o público-alvo é composto maioritariamente por crianças e as indicações da editora alertaram para a necessidade de adaptar a tradução à realidade (cultura) de uma criança portuguesa. Assim, embora se tenham mantidos aspetos mais formais da língua de partida, como os nomes das personagens, referências a livros e séries, valor monetário, entre outros, procedeu-se a uma adaptação de elementos culturais, como celebrações e hábitos, gastronomia, nomes de lojas..., adicionando, também, algumas informações explicativas, de forma a situar o leitor e a diminuir qualquer estranhamento pela diferença de culturas.

1.2. Tradução de literatura humorística

Para além de um público-alvo composto maioritariamente por crianças e jovens, os livros traduzidos apresentam, também, uma forte vertente humorística. Por este motivo, torna-se importante abordar as problemáticas mais pertinentes na tradução de humor.

“When it comes to translating humor, the operation proves to be as desperate as that of translating poetry.” (Diot, citado por Vandaele, 2010: 149)

À semelhança da poesia, o humor apresenta problemas que, à primeira vista, parecem inultrapassáveis. Por um lado, o humor é um conceito bastante abrangente e subjetivo. Por outro lado, muitas situações humorísticas dependem de aspetos linguísticos e de um contexto cultural, nem sempre facilmente transponíveis para outras culturas. Para além disso, a tradução humorística não é algo que se cinja a uma determinada área, podendo ocorrer em vários contextos, como por exemplo, a tradução literária, a tradução audiovisual, localização, publicidade, entre outros. A presença de demonstrações de humor (como piadas, trocadilhos, ironia...) não é exclusiva a géneros humorísticos (livros, séries...), pelo que é bastante provável que os tradutores acabem por se deparar com problemas desta índole na sua carreira.

Uma das questões mais relevantes para tentar compreender a dificuldade de traduzir passagens cómicas é a subjetividade do humor. Como a forma de se experienciar e de se perceber o humor varia de cultura para cultura (e de idioma), tendo por base uma série de perceções convencionadas de forma consciente ou inconsciente (López, 2005: 839), nem todos os indivíduos irão reagir da mesma forma à mesma piada. Para além do facto de uma tentativa humorística poder ou não surtir efeito cómico, há a possibilidade de se encarar determinada piada como algo ofensivo ou insultuoso. Tal pode resultar das piadas étnicas que satirizam indivíduos de uma cultura (ou culturas como um todo), tendo por base estereótipos, ou piadas com temas mais sensíveis, como religião, política, entre outros.

Raphaelson-West (1989) propõe uma tipologia de efeitos humorísticos dividida em nível linguístico, cultural e universal. O humor do tipo linguístico será a categoria mais complexa na tradução, porque centrar-se-á nas relações estabelecidas linguisticamente numa piada, como é o caso dos trocadilhos ou jogos de palavras, de forma a causar um efeito cómico facilmente compreendido pelo público da língua de partida (*ibidem*: 130-131). Ao traduzir, será necessário não só saber reconhecer qualquer duplo sentido linguístico presente no texto de partida, mas também conseguir recriar o mesmo efeito na língua de chegada. Tal nem sempre é possível sem alterar fundamentalmente a piada (desde que o contexto o permita), particularmente a nível de situação ou de intervenientes.

Quanto ao humor do tipo cultural, faz-se alusão às características de uma cultura para criar um efeito cómico, sejam estas relativas à própria cultura ou a outras. Muitas vezes, têm por base estereótipos culturais facilmente reconhecíveis pelos membros dessa cultura, os quais terão de ser adaptados na tradução para a cultura de chegada, de forma a

manter a piada desejada pelo autor (*ibidem*: 132). Caso estas alusões a culturas distintas permaneçam inalteráveis no texto de chegada, o público-alvo poderá não entender a piada pois, a princípio, não estará suficientemente familiarizado com a cultura e os estereótipos em questão. A título de exemplo, se num texto de partida inglês houver piadas com irlandeses, tal poderá ser adaptado para a realidade portuguesa substituindo “irlandeses” por “alentejanos”.

Por fim, o humor universal, considerado pela autora o mais acessível de traduzir, diz respeito a situações cômicas que podem ser comuns a várias culturas, a maioria delas resultando do inesperado ou de comportamentos que fogem da norma.

Relativamente aos livros traduzidos, há uma predominância de humor do nível linguístico devido ao elevado número de trocadilhos, quer de palavras com uma proximidade de sons quer com duplo sentido. De seguida, comentar-se-á com mais pormenor em que consiste os jogos de palavras e possíveis estratégias para resolver os problemas daí resultantes.

Delabastita (*apud* Coelho, 2011: 21) define os jogos de palavras como “fenómenos textuais em que as características estruturais da língua são exploradas de modo a provocar um confronto a nível comunicativo entre duas (ou mais) estruturas linguísticas com formas mais ou menos idênticas e significados mais ou menos diferentes”, podendo incluir palavras homónimas, homófonas, homógrafas e parónimas, por exemplo. Perante a variedade de formação e tipo de trocadilhos, funcionará melhor uma estratégia de tradução específica para cada um do que uma que tente generalizar uma mesma abordagem para todos.

Algumas das estratégias pelas quais o tradutor poderá optar perante um jogo de palavras no texto de partida são (Delabastita, citado por Coelho, 2011: 22): omitir o jogo de palavras; criar um jogo de palavras que funcione como equivalente no texto de chegada; substituir o jogo de palavras do texto de partida (TP) por uma paráfrase ou por uma expressão sem jogo de palavras que transmita um ou todos os significados possíveis presentes no TP; optar por recriar o efeito do jogo de palavras através de rimas, repetições, ironia, entre outros recursos de estilo; criação de um novo jogo de palavras, sem equivalente no TP, como forma de compensar uma omissão feita anteriormente; explicações extra dadas em notas de rodapé.

Caso se proceda a uma omissão do trocadilho, perante a impossibilidade de recriação do jogo de palavras, perder-se-á por completo o valor humorístico que o autor quis (intencionalmente) dar ao texto. A opção de utilizar recursos estilísticos, expressões (optando-se por um ou mais significados do jogo de palavras do TP) ou paráfrases, como alternativa à omissão total do jogo de palavras do TC, é uma forma de tentar preservar a intenção comunicativa do autor e de dar, ao mesmo tempo, um certo humor ao texto. A utilização de notas de rodapé como método explicativo dos trocadilhos presentes no texto nem sempre se revela uma opção fiável, porque o seu uso está condicionado pelo tipo de texto e editor (que se pronunciará se o tradutor está autorizado ou não a usá-las). Nos livros infanto-juvenis (que normalmente carecem de notas de rodapé) está muito difundido o uso da rima, uma vez que é algo que se torna muito chamativo para as crianças, principalmente quando lidos em voz alta.

Para concluir, o tradutor deverá apostar por recriar no texto de chegada, seja por alterações linguísticas ou culturais, um efeito perlocutório análogo ao do texto de partida (cf. Hickey, 1998). A qualidade de determinada tradução humorística dependerá do nível de recontextualização efetuado com sucesso no texto de chegada.

No próximo capítulo, apresentar-se-á o estágio realizado, tanto a nível da editora como do procedimento adotado. Será feito, ainda, uma descrição dos livros traduzidos, bem como os princípios que orientaram a sua tradução ao longo dos três meses e a produtividade.

2. Descrição do Estágio

Dado o meu grande interesse por livros, aliado a uma preferência pela tradução literária, optei por um estágio numa editora. Assim, poderia adquirir alguma experiência neste campo, ganhando ao mesmo tempo uma maior consciência de todos os desafios que estão presentes aquando da tradução de um livro, dependendo também do género a que este pertença.

2.1. Local de estágio – Civilização Editora

A origem da Civilização Editora remonta a 1881 com a criação, por João Alves Fraga Laires, da "Tipografia Fraga Laires", a qual mais tarde se denomina "Américo Fraga Laires & C.^a Lda". A sua atividade desenrola-se em torno da edição, comercialização, logística e distribuição de livros. Relativamente à atividade de tradução, o Departamento Editorial da Civilização é, atualmente, composto por três pessoas, as quais assumem, entre outras, as funções de tradução e de revisão. No entanto, também recorrem a tradutores *freelancer* para serviços de tradução. Traduz-se maioritariamente livros escritos em inglês, francês e italiano. Por norma, a revisão é feita internamente e tem, pelo menos, três fases. A primeira revisão faz-se no documento Word correspondente à tradução. Por sua vez, a segunda revisão é feita com o livro já paginado. Por último, haverá uma terceira revisão, a qual é, muitas vezes, feita pela pessoa responsável pela primeira fase da revisão.

A Civilização ocupa-se principalmente da edição de livros infanto-juvenis, livros ilustrados (de arquitetura, entre outros temas...), guias de viagem, livros práticos de divulgação (receitas de cozinha...), também comercializando ficção, biografias e ensaios.

Uma vez que o estágio foi realizado em regime *freelancer*, a tradução dos livros não foi feita na Civilização. No entanto, dirigi-me várias vezes às suas instalações (situadas no Porto), tanto na conclusão de cada livro, como para discutir algumas dúvidas que foram surgindo ao longo do estágio. De seguida, será feita uma breve descrição do estágio curricular e do procedimento tomado ao longo da sua realização.

2.2. Características do estágio e procedimentos

Após ter entrado em contacto com a Civilização Editora, foi-me pedido, em novembro de 2015, um teste de tradução. Tratava-se de um excerto, com aproximadamente três mil palavras, do livro “How to Train your Parents” escrito por Pete Johnson. Este livro, de literatura infanto-juvenil, viria a fazer parte das obras a traduzir para a editora durante o estágio. Após uma revisão do teste de tradução, fui aceite como estagiária e entregaram-me não só o meu primeiro projeto a traduzir (“How to Train your Parents”), mas também alguns livros de apoio (do escritor Roald Dahl), a fim de me familiarizar com a escrita para crianças e jovens. Nesta primeira reunião, foi possível ver o teste de tradução revisto e foram dadas algumas indicações e conselhos relativamente à tradução do livro, as quais se abordarão nos próximos capítulos.

O estágio curricular realizado na Civilização Editora teve a duração de três meses (de um total de 462 horas), iniciando-se a seis de janeiro e terminando a seis de abril e foi feito em regime *freelancer*. Uma vez que o estágio foi realizado de forma não-presencial, ou seja, a partir de casa, houve uma maior liberdade e flexibilidade de horários. Desde que se fizesse o número de horas necessárias por dia, estas podiam ser inseridas num horário de maior disponibilidade pessoal e/ou produtividade. A nível de ferramentas utilizadas, a tradução era feita num só documento Word, recorrendo-se, ao longo de cada projeto, a documentos separados com notas, ideias e problemas por resolver, para tentar manter um nível de organização e registar a evolução da tradução. Também se fez um registo do início e conclusão de cada livro, duração da revisão e número de palavras traduzido por dia. Os principais recursos consultados durante o estágio incluem dicionários monolíngues e bilingues (*online* e em papel), dicionários de sinónimos e de expressões idiomáticas e de calão, glossários, fóruns de apoio à língua, particularmente a nível de dúvidas linguísticas (como o Ciberdúvidas, WordReference, etc.), gramáticas portuguesas, guias de estilo, entre outros.

Uma vez que o estágio só teve início em janeiro, aproveitou-se para se ir desenvolvendo a fase de preparação para a tradução de obras infanto-juvenis. Assim, procedeu-se à leitura de livros similares, tanto a nível de público-alvo, como de género (neste caso, livros em formato de diário e cuja história seguisse uma personagem da mesma idade, como por exemplo “Um Diário de um Banana”), procurando ler a versão original e a traduzida para português, com o objetivo de identificar várias estratégias de tradução e soluções criativas. Para além da literatura juvenil, leu-se ainda vários livros e teses sobre

tradução literária e/ou que explorassem mais especificamente a tradução de livros destinados a crianças e jovens. Ao longo do estágio, continuou-se não só a ler alguns livros juvenis (por uma questão de adequação de léxico e tom), mas também informação sobre a tradução humorística, uma vez que o segundo e terceiro livro (“My Parents are out of Control” e “My Parents are driving me Crazy”, respetivamente) estão repletos de piadas e trocadilhos. De seguida, far-se-á uma breve descrição do processo tradutivo adotado ao longo do estágio curricular.

Em primeiro lugar, após realizar uma leitura completa da obra, tomavam-se notas dos problemas de tradução, possíveis ideias e aspetos a ter em conta na tradução (tópico a desenvolver posteriormente). Em segundo lugar, procedia-se à contagem de palavras (processo complicado pelo facto de só se ter o livro em formato físico), de forma a determinar o tempo necessário para concluir a tradução e poder propor um prazo de entrega (que seria, depois, aprovado ou não pela orientadora na Civilização). Para tal, teve-se em conta um número mínimo de palavras a traduzir (inicialmente de duas mil) e uma fase de revisão final.

Ao longo do projeto era regular o contacto com a orientadora na Civilização a respeito de dúvidas relevantes e opiniões de estratégias a tomar na tradução (fundamentando sempre as questões), com o intuito de melhor adequar o texto final (produto) às indicações e exigências da editora (cliente). Para além disso, qualquer erro ou inconsistência encontrada no texto de partida era, também, comunicado.

Procurou-se fazer uma revisão semanal, de forma a não sobrecarregar a revisão final, evitando que esta se tornasse muito morosa e extensa (facilitando, assim, uma entrega mais atempada). No final de cada projeto, o documento final da tradução era enviado à orientadora, bem como um documento com informações adicionais (tradução da capa e contracapa, dados sobre o autor presentes nas últimas páginas do livro...).

Este foi o processo adotado ao longo dos três livros traduzidos para a Civilização Editora. No entanto, para o segundo livro foi necessário fazer uma pesquisa de vocabulário antes de se proceder à tradução em si. Tal deveu-se ao facto de este texto apresentar um número significativo de vocábulos pertencentes à gíria juvenil (calão), que caracterizam a linguagem desta obra.

2.3. Livros Traduzidos

2.3.1. Produtividade

A seguinte tabela apresenta alguns dados relativos aos livros traduzidos, nomeadamente a evolução do número de palavras por dia e a duração de cada tradução.

Livros	Nº total de palavras	Início da tradução	Entrega final	Média de palavras/dia	Tempo de Revisão
How to train your Parents	31500	6 de janeiro	29 de janeiro	2261	7 dias
My Parents are out of Control	46360	3 de fevereiro	9 de março	2861	10 dias
My Parents are driving me Crazy	37550	11 de março	5 de abril	4536	8 dias

Ilustração 1 – Tabela 1 Evolução do número de palavras traduzidas

De notar que os primeiros dias indicados em “Início da tradução” incluem a leitura do livro, contagem de palavras e, se necessário, pesquisa de terminologia. Só após esta fase preparatória inicial é que se dava início à tradução dos livros.

Ainda que não se tenha verificado um aumento muito acentuado de palavras traduzidas por dia (o máximo atingido, já na última fase do estágio, foi de aproximadamente 4500 palavras), houve uma evolução positiva ao longo do estágio curricular, no que diz respeito à resolução de problemas e agilidade na tradução.

Por um lado, embora se questionasse, inicialmente, quais as opções mais indicadas para determinado problema, a tomada de decisão foi-se tornando progressivamente mais célere no decorrer dos meses, notando-se um maior “à vontade” perante os vários problemas, sendo que as soluções já ocorriam de uma forma “mais instintiva”. Refiro-me, pois, a questões de adaptação textual, por exemplo, e não a pesquisa de termos específicos. Nestes casos, como já se possuía um vasto leque de recursos armazenados (seja a nível de dicionários, glossários ou fóruns), os resultados eram, também, obtidos mais facilmente.

Por outro lado, a própria escrita já refletia, de um modo mais natural, o tom adequado a dar ao livro, seja a nível de léxico apropriado a faixas juvenis, seja a nível de “voz” do Louis e do estilo do autor.

Assim, a evolução observada no decorrer do estágio incidiu mais na qualidade do trabalho de tradução e não no volume de palavras.

2.3.2. Apresentação dos livros

“Have they ever wished they were somewhere else? I know I have. Sometimes real life is just too boring and heavy. I have to escape. And books give us the power to do just that. Books give us the ability to go anywhere. And together, with the author, you invent a whole new world.” Pete Johnson²

Os livros traduzidos no estágio curricular pertencem à categoria infanto-juvenil, do género humorístico e foram traduzidos do Inglês para o Português europeu. De seguida, apresentar-se-á, de forma breve, o autor e os livros traduzidos, tanto a nível de conteúdo, como de principais características relevantes para a tradução.

Pete Johnson é um autor inglês de diversos livros para crianças e jovens, os quais se inserem em vários géneros, como o humorístico, *thriller*, de aventuras e, também, de terror. É um apoiante ávido de programas de incentivo à leitura e de uso de bibliotecas, procurando aumentar o número de leitores entre a camada mais jovem, através de várias visitas que faz às escolas, em diversas zonas de Inglaterra, onde também divulga e discute os seus livros com as crianças. Já viu algumas das suas obras serem traduzidas noutros países, como por exemplo, a Espanha, França, Alemanha, Japão, Brasil, entre outros, mas nenhuma tinha, até agora, sido publicada em Portugal.

Apesar de os livros traduzidos fazerem parte da mesma saga, no sentido em que a história segue a mesma personagem, estes podem ser considerados livros independentes. Embora do 2º para o 3º livro haja uma certa continuidade a nível de eventos (a personagem principal participa no mesmo concurso, ainda que em fases diferentes) ambos os livros têm, no primeiro capítulo, um pequeno resumo do que aconteceu no livro anterior (tal não é feito de forma isolada, mas sim contado pela personagem no seu diário). Por isso, não é obrigatório ler os livros numa ordem específica, até porque a história não se desenvolve somente em torno desses eventos (participação da personagem em concursos).

² Petejohnsonauthor.com. (2016). *Pete Johnson*. [em linha] Disponível em: <http://www.petejohnsonauthor.com/> [Consult. 2016].

“How to Train your Parents”

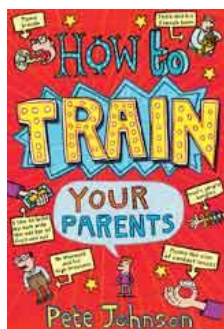


Ilustração 2

Ano de publicação/Editora: 2003/Yearling

N.º de páginas: 208 / N.º de palavras: 35 291

Título provisório em português: “Como Treinar os Pais”

Breve descrição: O primeiro livro introduz a personagem principal, Louis, de 12 anos que se muda para outra cidade. Desde cedo o leitor se apercebe da ambição do Louis, que deseja ser humorista e tem como principal objetivo fazer rir as pessoas, e do perfil da nova escola, preocupada em garantir que os seus alunos sejam os melhores em tudo e atinjam resultados de excelência. Surge, assim, um confronto natural entre o Louis e os pais, quando estes também começam a exigir que ele obtenha sucesso escolar. Como resposta, Louis, aliado à sua amiga Maddy, põe em ação um programa de treino parental, a ver se consegue educar os pais para que não o incomodem. Ao longo do livro, Louis vai registando, em entradas de diário, várias peripécias (que incluem novas amizades, professores e a participação num concurso de talentos) e as piadas que inventa para a sua coleção.

Principais problemas de tradução: Tratando-se do primeiro livro traduzido, foram vários os cuidados a ter perante problemas de carácter geral, inerentes a qualquer trabalho de tradução literária, e aqueles mais específicos a nível de léxico. De forma global, foi necessário definir o nível de adaptação na tradução, de forma a obter um texto o mais adequado possível a um público infanto-juvenil, com maior incidência para referências e figuras culturais, topónimos, formas e valores de avaliação, entre outros. Por sua vez, teve-se em atenção todas as alterações inerentes a um texto literário em português, como as normas de diálogos, formato de horas, o Acordo Ortográfico em vigor, etc. Relativamente ao léxico, uma das exigências era que este se adequasse ao de uma criança, através do uso

de vocábulos e expressões de uso comum entre as camadas mais jovens, procurando, assim, aproximar o texto do leitor. A tradução deste primeiro livro foi, de certa forma, uma introdução aos cuidados a ter na tradução infanto-juvenil, os quais já surgiam mais naturalmente aquando do desenvolvimento das obras seguintes.

“My Parents are out of Control”

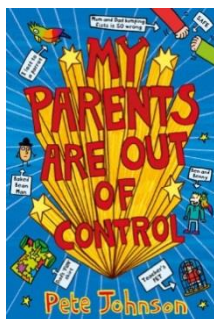


Ilustração 3

Ano de publicação/Editora: 2013/ Yearling

Nº de páginas: 256 / Nº de palavras: 46 360

Título provisório em português: “Os meus Pais estão Descontrolados”

Breve descrição: Neste segundo livro, Louis começa, outra vez, a estudar numa nova escola e continua a perseguir o seu sonho de ser humorista, procurando ter oportunidades que lhe deem alguma notoriedade. No entanto, o principal desafio é a sua relação com os seus pais, pois estes mudam o seu comportamento habitual para se aproximarem dos mais jovens. Tal passa por usar roupa e empregar léxico tipicamente juvenil, fator de grande transtorno para o Louis, o que dá origem a várias situações caricatas. Como fundo, assiste-se à participação da personagem principal num novo concurso televisivo e ao aprofundar dos seus relacionamentos pessoais.

Principais problemas de tradução: Este segundo volume é, de longe, o mais longo e denso dos livros, não só pelo grande número de piadas que apresenta (a maior parte delas sem qualquer contexto e exigindo uma recriação completa), mas também pelo léxico usado. Ao ser fortemente marcado por um léxico coloquial, foi necessário realizar uma pesquisa prévia de termos coloquiais da língua de chegada, suficientemente populares no quotidiano de uma criança, passíveis de serem utilizados como equivalentes aos da língua de partida. Este cuidado especial com o vocabulário procurou garantir que, na versão de chegada, o léxico soasse tão natural como cómico, dependendo das personagens em questão. Uma vez

que é uma das facetas do livro que está mais em destaque, sendo também de grande importância para a história, foi necessário trabalhar bastante esta área.

“My Parents are Driving me Crazy”

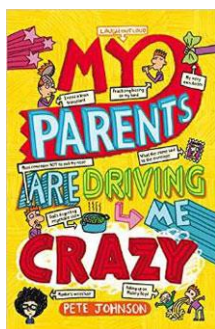


Ilustração 4

Ano de publicação/Editora: 2015/Award Publications Limited

Nº de páginas: 224 / N.º de palavras: 37 550

Título provisório em português: “Os meus Pais Põem-me Maluco”

Breve descrição: No último livro, Louis lida com o facto de o pai estar desempregado e com as consequências que daí advêm, nomeadamente o facto de passar todo o tempo em casa, seja a tratar das tarefas domésticas (que nunca correm bem), seja a observar o comportamento dos filhos. Tendo como fundo um novo e caótico ambiente familiar, Louis tenta, novamente, alcançar a fama com um concurso de talentos, ao mesmo tempo que se vê obrigado a procurar estratégias para se manter nas boas graças dos professores.

Principais problemas de tradução: Para além de novas piadas sem contexto, os problemas deste livro prenderam-se com a coerência e erros no texto original. Uma vez que se traduziram três livros com a mesma personagem, foi importante manter uma certa coerência na tradução, pois havia léxico recorrente (léxico corrente e não o coloquial) de livro para livro. Assim, como o leitor já está habituado a um certo vocabulário, é preferível manter a mesma tradução para o mesmo termo da língua de partida ao longo dos três livros, a nível de: alcunhas e possíveis insultos para uma personagem, vocabulário relacionado com a escola (relativamente à avaliação – métodos e valor de notas –, léxico como a chamada, a reunião de professores e alunos – termos que foram adaptados para a cultura portuguesa – o auditório onde se realizam os testes e o termo afetuoso que o Louis dá à escola: “buraco infernal”), modo de falar de uma personagem, entre outros.

No que diz respeito a problemas com o texto original, foram vários os erros encontrados no PDF dado pela editora, os quais incluíam: erros de ortografia, repetição despropositada de palavras e frases (havendo mesmo situações de frases que aparecem em dois capítulos sem qualquer relação), falhas na separação de falas (o que, dependendo do contexto, poderia afetar bastante a interpretação e, consequentemente, a sua tradução correta) e, também, referências culturais duvidosas (sem uma fonte clara). Após a leitura do documento, alertou-se a orientadora na Civilização para a presença dos erros, a qual disse que, possivelmente, não se tratava de uma versão revista e finalizada do PDF. Assim, foi aconselhado que se assinalasse todos os erros, para que na altura da revisão interna se pudesse analisar cada questão individualmente, comparando-a com o original.

2.3.3. Indicações da Editora

Antes de se proceder aos problemas de tradução, é importante comentar as indicações dadas pela editora relativamente ao teste de tradução inicial e aos livros a traduzir durante o estágio curricular. Teve de fazer-se uma série de alterações devido à especificidade do público-alvo, como se verá adiante, pois não se pode traduzir da mesma forma um texto destinado a crianças e outro a adultos, com o risco de o público-alvo não se conseguir identificar ou compreender a obra. Uma vez que a editora tem uma larga experiência em edição de livros infanto-juvenis, está familiarizada com algumas das necessidades e expectativas do público-alvo, sabendo o que, à partida, lhes chamará mais à atenção e causará perda de interesse. Daí ter definido, inicialmente, o objetivo de obter uma tradução que fosse ao encontro do público-alvo, através de uma série de adaptações à realidade mais familiar das crianças.

As indicações a seguir nos três livros, dadas pela orientadora na Civilização, foram as seguintes:

- 1) Adaptar, tanto quanto possível, o conteúdo à realidade de uma criança portuguesa, para que esta não sinta estranheza na leitura;
- 2) Ter em atenção o léxico a usar ao longo da tradução, adequando o registo a um vocabulário a que as crianças estejam familiarizadas;
- 3) Não estar demasiado presa ao original, procurando fazer com que o texto tenha alguma piada;
- 4) Não usar notas de rodapé;

5) Respeitar os prazos de entrega propostos.

Em primeiro lugar, as adaptações tiveram de, por um lado, ser feitas a nível cultural, devido ao confronto com hábitos culturais distintos inerentes a uma cultura diferente, como, por exemplo, adaptações de âmbito gastronómico (substituição de certos alimentos, comuns na cultura de partida, por outros mais comuns na realidade portuguesa), referências culturais (feriados, celebrações e férias escolares, atividades lúdicas, figuras culturais e nomes de lojas...) e convenções culturais (equivalência de notas de avaliação, formato de horas...). Por outro lado, perante a existência de tópicos do âmbito linguístico que são expressão da cultura de um país (como formas de tratamento, expressões idiomáticas...) também se revelou necessário efetuar adaptações a este nível.

Em segundo lugar, o cuidado relativamente ao léxico esteve presente ao longo dos três livros traduzidos, procurando-se usar vocábulos comuns do quotidiano das crianças e jovens – como “TPC”, “fixe”, “cotas”... – para que estas se identificassem tanto com o texto, como com o personagem principal, Louis, de 12 anos. Para além disso, aquando do planeamento da tradução, foi importante delimitar a idade do público-alvo, para que a linguagem usada não soasse nem muito infantil nem muito formal para o leitor. Para as traduções em questão, propôs-se que a idade fosse compreendida entre os 8 e os 15 anos. Por um lado, e uma vez que um dos temas principais dos livros são as peripécias que se desenrolam na escola, tanto a nível de professores como de avaliações, é importante que a criança tenha idade suficiente para se identificar com estes dilemas. Por outro lado, estes livros também podem apelar a uma faixa etária mais adolescente, dado o seu carácter humorístico e a presença de uma personagem um tanto ou quanto irreverente, que tem o desejo de alcançar a ribalta.

Relativamente ao terceiro ponto, este desafio prendeu-se com a tradução de inúmeras piadas que aparecem ao longo dos textos, uma vez que os livros traduzidos apresentavam um carácter fortemente humorístico. Tratando-se de humor quer do foro cultural (com referências à cultura de partida), quer do foro linguístico (com trocadilhos e jogos de palavras), era necessário proceder a uma adaptação das piadas, já que, se se fosse a optar por uma tradução literal estas não iriam ter graça e/ou seriam pouco compreensíveis.

Por sua vez, a impossibilidade de usar notas de rodapé veio, em determinadas situações, dificultar o trabalho tradutivo. Se, por um lado, é possível argumentar que a presença das notas de rodapé pode afetar a fluidez da leitura ou a imersão no texto, por

outro lado, a sua presença é muito útil quando é necessário fornecer informação extra ao leitor para que possa perceber determinada referência ou piada presente no texto, muitas das quais requerem algum conhecimento da cultura de partida, que o leitor pode não ter, para serem compreendidas. Para além disso, nem sempre é possível acrescentar informação ao texto, de forma a aclarar determinada referência sem prejudicar a narrativa ou o ritmo do mesmo. Veja-se esta situação em que foi necessário acrescentar informação ou adaptar a frase para esclarecer o leitor (criança):

Exemplo 1	
Original	Tradução
I got all nervous. Now, whenever I'm nervous I start talking in an Australian accent. So I said to them, 'G'day to you possums'.	Fiquei super nervoso. Bem, cada vez que fico assim começo a falar como um australiano. E não é que dei por mim a cumprimentá-los com um sotaque mesmo cerrado?

O exemplo citado refere-se à mudança de sotaque sofrida pela personagem principal, Louis, pois, sempre que fica nervoso, vê o seu sotaque britânico ser substituído por um sotaque australiano. Neste caso, para demonstrar o alcance desse sotaque, o autor emprega no discurso do Louis uma expressão muito comum na Austrália, ainda que não muito atual: "G'day to you possums". Neste caso, não foi possível encontrar uma expressão similar que transmitisse toda uma identidade cultural, sem prejudicar o texto ou a personagem e o contexto, nem manter a expressão original e acrescentar informação explicativa, pois a frase perdia qualquer naturalidade. Perante a possibilidade de inserir vocábulos regionais ou dialetais de Portugal, tal perde claramente o sentido se a ação do livro continua a desenrolar-se em Inglaterra. Com a opção de utilizar notas de rodapé, o tradutor poderia explicar a expressão original, comentando o seu uso frequente na Austrália, de forma a melhor caracterizar a personagem e, também, garantindo uma certa piada à frase. Não tendo esta possibilidade, a melhor alternativa que se encontrou foi dar a volta ao problema, eliminando a expressão cultural do texto de partida e realçando o quão cerrado é o sotaque australiano do Louis.

Por fim, foi-me dada a possibilidade de propor as datas de entrega final dos trabalhos. Com esta tarefa, pôde-se compreender a dificuldade de estabelecer um prazo final para entrega, que tanto contemplasse os imprevistos que podiam surgir (até porque, por vezes, um problema de tradução pode causar mais transtorno do que o que inicialmente se estava a contar), como a fase de revisão. Assim, de forma a cumprir com os prazos propostos à editora, foram-se experimentando várias estratégias de como melhor aproveitar o tempo de trabalho, atendendo às horas e à produtividade, resolução de problemas (contemplando a atividade criativa e de pesquisa) e revisão (semanal e final).

Tendo em conta todas estas indicações, a estratégia global da tradução foi a de domesticação moderada, ou seja, adaptar os elementos mais flagrantes da cultura de partida (como alimentação, expressões idiomáticas, coloquialismos, notas, figuras culturais conhecidas...) aos da cultura de chegada; explicitar, sempre que necessário, as referências que foram surgindo ao longo do texto (as quais não possuíam um equivalente direto em português); atenuação de léxico (nomeadamente a nível de insultos entre personagens); não alteração dos nomes próprios presentes no texto original (a menos que se tratasse de alcunhas).

2.3.4. Marcas a manter na tradução

Tratando-se de um texto literário, há aspetos formais que o caracterizam e que têm de ser mantidos na tradução. Em primeiro lugar, embora os três livros se dividam em capítulos, cada um contém várias entradas de diário organizadas por datas (mês e dia da semana) e horas. Nestas entradas que a personagem, Louis, escreve no seu diário, os leitores ficam a conhecer as suas peripécias, os sonhos, como é o ambiente em que vive, juntamente com os seus amigos e família, tudo sempre através dos seus olhos e das suas palavras, dando, assim, uma perspetiva única da sua vida.

Como tal, predomina não só a primeira pessoa, mas também marcas típicas do registo oral, as quais incluem: frases curtas; ausência de marcadores textuais ou discursivos (não há uma organização rígida do texto, através de elementos que encadeiem o discurso, como por exemplo, “Por um lado... por outro lado”, “Em primeiro lugar... em segundo lugar”); predominância de uso de “e depois...”, “a seguir...”, “então...” para narrar os acontecimentos, o que se repete muitas vezes; frases iniciadas por “E”, como elemento de ligação frásico inicial, e “Mas”; uso de parêntesis para incluir comentários extra da

personagem; frases que interpelam e se dirigem ao leitor, como se o Louis estivesse a falar com o público diretamente.

Exemplos de marcas orais/típicas de escrita de diário ³	
Original	Tradução
“ <u>Anyway</u> , they’ve said I can re-sit the exam next Tuesday.”	“ <u>Mas adiante</u> . Disseram-me que podia repetir o exame na próxima terça.”
“But here’s the good news, the brilliant news, the . . . <u>well, you get the idea</u> .”	“Mas aqui tens as boas notícias, as notícias fantásticas, as... <u>Bem, já percebeste</u> .”
“ <u>What do you bet</u> that boy gets something like 90% at least?”	“ <u>Queres apostar</u> como aquele miúdo tira, no mínimo, 90%?”
“ <u>You won’t believe</u> what Theo told me today.”	“ <u>Não vais acreditar</u> no que o Theo me contou hoje.”

Estas marcas de registo oral também concedem ao texto uma maior fluidez de leitura, o que teve igualmente de ser recreado na tradução. Por sua vez, o facto de o livro estar organizado como se fosse um diário pessoal e de ter estas marcas de oralidade, acaba por criar uma maior proximidade com o leitor. Se há quem tenha uma predileção por livros em formato de cartas ou diário, este estilo pode também servir de incentivo à leitura (aspeto especialmente positivo para o público mais jovem), já que se torna, pela fluidez da escrita e proximidade ao enredo, mais fácil e atrativo de ler.

Assim, ao se tratar de entradas de diário, os leitores leem as palavras do Louis, acabando por conhecer a sua voz e forma de pensar, o que pesa consideravelmente no tom geral do livro. Outro aspeto importante a ter em conta é o perfil das personagens. Uma vez que nem todas as personagens do livro, sejam elas crianças (personagem principal e amigos) ou adultos (pais, vizinhos e professores...), se comportam da mesma forma nem têm os mesmos interesses, mostrando até personalidades distintas, vão naturalmente falar de forma diferente. Estas diferenças de carácter não estão presentes só na forma como o Louis narra os acontecimentos e todas as ações das personagens, mas também no seu modo

³ Os exemplos são do livro “My Parents are out of Control”, excetuando o último que foi retirado do livro “How to Train your Parents”.

de falar e de interagir com os outros. Desta forma, é essencial que na tradução estas diferenças estejam, também, igualmente salientes.

De seguida, mostra-se um exemplo de uma personagem (Edgar) que é imediatamente posta em destaque, não só pela forma como se veste, mas também pela forma como fala e interage com os outros. Lendo-se um diálogo entre o Louis e a Maddy (exemplo 2), vê-se claramente as diferenças a nível de registo, na medida em que a linguagem usada por estes dois é muito mais próxima à usada (de forma generalizada) pelas crianças, quando comparado com o Edgar.⁴

Exemplo 1

Original

“Edgar raised his eyebrows again before announcing, ‘I must take my leave now. I shall take a leisurely walk while savouring all the autumn smells and letting some of Keats’s work run about in my head.’ Then he turned to me. ‘Do you know Keats?’

‘Does he play for Spurs?’ I grinned. I had heard of Keats, actually.

But Edgar sighed. ‘Young people’s lack of interest in great poets disturbs me greatly.’

He spoke as if he were some learned professor of about ninety. Then he bowed very low as if he were off to take part in a duel, and left.”

Tradução

“O Edgar voltou a erguer as sobrancelhas, antes de anunciar:

– Terei de me ausentar agora. Irei fazer um passeio recreativo, enquanto saboreio todos os odores do outono e recito, na minha mente, alguma poesia de Keats – disse. Depois, virou-se para mim. – Conheces Keats?

– Não joga nos Spurs... a equipa de futebol? – comentei, sorrindo. Na verdade, já tinha ouvido falar do poeta Keats.

– A falta de interesse, por parte dos jovens, nos grandes poetas – disse, suspirando – é algo que me perturba profundamente.

⁴ Ambos os exemplos foram retirados do livro “My Parents are out of Control”.

Falava como se fosse um professor muito instruído de noventa anos. Depois, fez uma grande vénia, como se fosse participar num duelo, e retirou-se.”

Exemplo 2

Original

“I told Maddy about me telling jokes on Dr Magnus’s show. And afterwards the phone line went oddly quiet.

‘Look, I know the show is pants—’ I began.

‘It’s not that,’ interrupted Maddy. ‘It’s just that I’m your agent, so I’m the one who should be getting you work like that. You’ll be sacking me soon.’

I laughed at the very idea.”

Tradução

“Contei à Maddy de ter andado a fazer piadas no programa do Dr. Magnus. Depois, o outro lado da linha ficou estranhamente silencioso.

– Ouve, eu sei que o programa é uma chachada... – comecei a dizer.

– Não é isso – interrompeu a Maddy. – Eu é que sou a tua agente, por isso deveria ser eu a arranjar-te trabalho desse género. Daqui a nada, despedes-me.

Ri-me de tal ideia.”

3. Problemas de Tradução

Neste capítulo apresentam-se os principais problemas sentidos ao longo da tradução, abrangendo os três livros que foram traduzidos, organizados por categorias. Cada tópico consta de um comentário, procurando explicar o problema e fundamentar tanto as opções tomadas como o “percurso” feito para obter as soluções, ilustrando com exemplos retirados dos livros. Serão discutidos os problemas do foro cultural (desde convenções presentes no texto literário a referências culturais, gastronomia...) e do foro linguístico (questões de léxico, expressões idiomáticas, formas de tratamento...), na tradução de humor (trocadilhos e jogos de palavras, trava-línguas) e de nomes (nomes próprios, alcunhas...).

3.1. Problemas do Foro Cultural

Esta é uma das categorias mais abrangentes e a qual necessitou de um maior planeamento e deliberação aquando do início da tradução, no sentido de manter o mesmo procedimento ao longo dos vários problemas, assegurando uma tradução coerente. Da mesma forma, atendeu-se ao nível de familiaridade do leitor português (nomeadamente o público infanto-juvenil) perante os exemplos culturais que aparecem no texto, para poder adequar a melhor solução tradutiva.

Se perante as várias referências a programas de televisão ou literatura sem uma tradução oficial em Portugal não se revelou essencial fornecer ao leitor informação sobre o título (no sentido de o traduzir), mas apenas sobre o género da referência (policial, humorístico...), já nos casos de referências a personalidades ou episódios cómicos muito conhecidos na cultura de partida, importantes para a compreensão do texto, teve de proceder-se ou a uma explicação ou a uma adaptação (muitas vezes pela reformulação do texto), de forma a elucidar o leitor.

Em situações envolvendo alimentos e costumes característicos da cultura de partida a melhor solução foi adaptar completamente à cultura de chegada (através da substituição de elementos), de forma a manter uma proximidade texto-leitor, não causando estranheza na leitura.

3.1.1. Convenções Culturais⁵

Em primeiro lugar, um dos aspetos mais flagrantes na tradução literária é a formatação dos diálogos, a qual varia entre a língua de partida (inglês) e a língua de chegada (português).

Como se pode ver no excerto seguinte, a forma de indicar o início e fim de uma fala é distinto nas duas línguas – a língua inglesa tem como hábito usar as aspas e a língua portuguesa o travessão –, pelo que se teve de empregar a estrutura mais comum e “normalizada” nos livros editados em Portugal.

⁵ Todos os exemplos citados nas “Convenções Culturais” foram retirados do livro “How to Train Your Parents”.

Procurou-se, também, respeitar as normas dos diálogos, como demonstra o exemplo, indicando as intervenções do narrador com travessões e vírgula, caso a frase inicial (fala de personagem) ainda continue, ou com ponto final, caso já tenha terminado.

Excerto 1

Original	Tradução
<p>‘She went on, ‘You’re the only one here not playing a musical instrument and that’s fine –not everyone is musical. But how about Art Club or Chess Club, they sound like good fun, don’t they?’</p> <p>‘The very idea of them makes my flesh creep.’</p> <p>Mum sighed. ‘We just don’t want you to feel excluded.’</p> <p>She looked so concerned I said, ‘Actually, Mum, there is one club I’d like to join.’</p> <p>‘Yes,’ she cried eagerly.</p> <p>‘One which will tell you how to be a comedian.’</p> <p>‘Oh, you don’t need any lessons in that,’ she said.</p>	<p>– Aqui, só tu é que não tocas nenhum instrumento – continuou –, mas não faz mal, pois nem todos temos uma veia musical. Em vez disso, que tal um Clube de Arte ou de Xadrez? Parece mesmo divertido, não é?</p> <p>– Só de pensar nisso, fico logo maldisposto.</p> <p>– Não queremos que te sintas excluído – suspirou a mãe.</p> <p>Parecia tão preocupada que acrescentei logo:</p> <p>– Na verdade, mãe, há um clube ao qual gostaria de ir.</p> <p>– Diz lá! – bradou, cheia de entusiasmo.</p> <p>– Um que ensine a ser humorista.</p> <p>– Oh, tu não precisas de aulas para isso.</p>

Outro aspeto a ter em conta foi a necessidade de procurar diferentes alternativas para “she/he said”, “replied”, “asked”..., presentes inúmeras vezes ao longo do texto, para evitar repetições que se tornariam cansativas para o leitor e, as quais, poderiam transmitir a sensação de que o texto não estivesse bem escrito. As opções tanto consistiam no uso de termos sinónimos, variando, claro, com o registo e personagem em questão (comentou, explicou, declarou, respondeu, continuou, acrescentou, informou, perguntou, quis saber, inquiriu...), como na preferência por omitir na tradução (sem prejudicar o texto).

Em segundo lugar, outro aspeto formal a adaptar para a cultura portuguesa foi o formato em que as horas e as datas eram apresentadas. Uma vez que todo o livro é organizado em entradas de diário, estando cada uma dividida em dia e horas, era necessário converter para as normas em vigor e de uso mais frequente em Portugal. Assim, “Thursday February 21st” e “10.15 a.m.” passam a “Quinta, 21 de fevereiro” e “10h15”.

Relativamente aos valores monetários presentes no livro, optou-se por manter em libras. Inicialmente, ponderou-se a hipótese de converter o valor para euros, uma vez que é a realidade portuguesa, mas como a personagem do livro vive em Inglaterra e atendendo a todo o contexto do livro, tal não teria sentido. Assim, a tradução apresenta casos com “20 libras” ou “40 libras”. No entanto, são situações em que não é tão importante saber o valor exato correspondente em euros, mas compreender que se trata de um incentivo ou recompensa, como ilustra o seguinte exemplo:

Original	Tradução
“But then he told me that actually his parents <i>are</i> paying him. Every time he gets an A— he gets what he calls a ‘twenty-pound bonus’ (with a forty-pound bonus if he ever gets an A).”	“E não é que me disse que os pais dele estavam <i>realmente</i> a dar-lhe dinheiro?! Sempre que tirar um Muito Bom ⁺ recebe um bónus de 20 libras (se tirar um Excelente o bónus é de 40).”

Por último, e como já é possível ver na tabela anterior, antes de proceder à tradução em si, teve de apurar-se o equivalente em Português para as notas de avaliação, porque eram uma constante ao longo dos três livros. Tal foi feito quer através da consulta de documentos relativos à conversão de escalas de avaliação estrangeiras para a portuguesa (acessíveis nos decretos-lei disponibilizados pelo Ministério da Educação), quer por experiência própria.

De seguida, apresentam-se a equivalência de notas usada na tradução:

Equivalência de notas	
A	Excelente
A minus	Muito Bom +

B	Bom
C	Suficiente
D	Insuficiente

Estes valores têm uma presença constante ao longo das obras, uma vez que o enredo segue a personagem principal, Louis, de doze anos e, entre outras peripécias, a sua adaptação a novas escolas e o desempenho escolar. A prestação de Louis é fortemente marcada por notas baixas ou negativas (Suficiente e Insuficiente), enquanto que os resultados do colega, Theo, estão quase sempre entre os melhores da turma (Muito Bom a Excelente). Inicialmente, optara-se por designar as notas “A” e “A minus” como “Excelente” e “Excelente ⁻”, respetivamente, mas tendo em conta os vários contextos em que estas aparecem e a personagem a que são atribuídas, ao preferir-se “Excelente” e “Muito Bom ⁺” fica mais nítida e mais clara a distinção entre estes dois patamares, para que o público-alvo possa identificar essa mesma diferença.

No exemplo seguinte fica claro a importância de fazer esta distinção, de forma a dar sentido à atribuição e exigência de notas (neste caso, por parte dos pais de Theo).

Original	Tradução
‘We’re very proud of those A minuses,’ he went on, ‘but we don’t want Theo to stop there. We’re demanding nothing less than straight As from him, aren’t we?’	– Estamos muito orgulhosos daqueles Muito Bom ⁺ – prosseguiu –, mas não queremos que o Theo fique por aí. Não aceitamos nada que seja inferior a Excelente, não é?

3.1.2. Referências Culturais

a. Programas de televisão e literatura

Ao longo dos três livros traduzidos, surgem diversas referências culturais a programas televisivos, livros, peças de teatro.

Exemplo 1	
Original	Tradução

So every night I'm adding more jokes to my joke collection, then studying a DVD currently season three of Modern Family and I always fall asleep laughing at a funny book.	Todas as noites, acrescento novas piadas à minha coleção de anedotas, estudo um DVD – neste momento é a terceira temporada de “Uma Família Muito Moderna” – e adormeço sempre a rir-me de algum livro muito engraçado.
--	--

Os principais problemas dizem respeito a determinadas referências que carecem de uma tradução oficial em português, pelo que foi necessário pensar qual a abordagem mais adequada a aplicar-se: manter as referências originais (em inglês), oferecer uma tradução (ou seja, proposta pelo tradutor), procurar equivalentes mais conhecidos na cultura de chegada (substituindo, assim, os termos em inglês) ou explicitar as referências (adicionando informação extra).

De seguida, apresentam-se algumas das referências que surgiram no livro “How to Train your Parents”, de forma a ilustrar esta questão:

Exemplo 2	
Original	Tradução
Decided to cheer myself up by watching a <u>Crimewatch Special</u> .	Por isso, decidi ver um episódio especial da <u>série de investigação criminal “Crimewatch”</u> para me animar.
Exemplo 3	
And he's been in <u>The Bill</u> . So he's a proper actor all right.	E entrou na <u>série policial “The Bill”</u> , portanto deve saber mesmo atuar.
Exemplo 4	
Todd lent me a really old book called <u>Joy in the Morning</u> by P.G. Wodehouse.	O Todd emprestou-me um <u>livro de humor</u> , bastante velho, chamado “Joy in the Morning” de P.G. Wodehouse.

Uma vez que as séries mencionadas (“Crimewatch Special” e “The Bill”) não foram emitidas pela televisão portuguesa, não há uma tradução oficial. Verifica-se o mesmo

problema nas obras mencionadas do escritor P.G. Wodehouse (neste caso “Joy in the Morning”), porque não foram editadas em Portugal. Embora se trate de um autor inglês bastante famoso, na cultura de partida, pelos seus escritos humorísticos (tendo publicado mais de noventa livros, quarenta peças...), em Portugal editaram-se muito poucas das suas obras. Para verificar se havia uma tradução oficial em Português, tentou-se saber quais os livros já editados de Wodehouse em Portugal. Para tal, procurou-se em livrarias (e correspondentes páginas online), catálogos de bibliotecas, blogues sobre livros humorísticos e especificamente sobre este autor. Após esta pesquisa, foi possível concluir que há vários livros deste escritor traduzidos para espanhol e francês, mas as traduções para português são escassas (“O Tio Fred à Solta”, “Por sua Dama” – publicadas na década de 1930 – “Um Homem de Visão”, “Época de Acasalamento”, tratando-se este de uma tradução luso-brasileira, “O Código dos Woosters”, “Dinheiro Molesto” – publicadas nos anos sessenta) e nenhuma delas correspondendo a qualquer das referências mencionadas no livro (Freitas da Costa, 2007).

Optou-se por manter o título em inglês, porque se se fosse a propor uma tradução (inventada) esta não teria um referente real e, também, porque estas referências apresentam um número baixo de ocorrências nos livros (não sendo propriamente importantes para a compreensão da história).

No entanto, adicionou-se alguma informação (“série policial”, “série de investigação criminal” e “livro de humor”) para que não causasse estranheza na leitura e para que o público pudesse identificar que género de programa ou obra se tratava.

Outro aspeto que se teve em conta foi o autor dos livros, no sentido em que muitas das referências a programas de televisão e livros inseridas no texto fazem parte do gosto pessoal do autor. Após uma leitura sobre Pete Johnson e os livros que já escreveu, torna-se claro quais são os seus géneros e fontes de entretenimento prediletos. Na página *online* do autor⁶ estão expostas não só as suas séries e livros de eleição, mas também o seu autor preferido: P.G. Wodehouse. Portanto, é natural que ao escrever faça as personagens gostar, propositadamente, das mesmas obras que ele, o que convém ser respeitado na tradução.

Há, ainda, outra questão relevante, nomeadamente certas referências que aparecem ao longo dos três livros e que são puramente ficcionais, ou seja, pertencem a um universo criado pelo autor (nomes de jornais, programas de televisão, teatros...). Assim, uma vez

⁶ <http://www.petejohnsonauthor.com/>

que as referências são inventadas, já é possível propor uma tradução, visto que se está a recrear referências num novo universo fictício.

Veja-se a seguinte tabela com referências fictícias:

Exemplo 5	
Original	Tradução
Maddy waved this newspaper at me called <u>the Stage</u> , which I'd never heard of but which she reads every week.	A Maddy mostrou-me um jornal chamado <u>O Palco</u> , do qual nunca tinha ouvido falar, que ela lê todas as semanas.
Exemplo 6	
'Is everyone here waiting for <u>Tomorrow's Stars</u> ?' I asked him.	Esta é a fila para " <u>Estrelas do Futuro</u> " ? – perguntei-lhe
Exemplo 7	
Then Maddy dealt with the practical things like where was the <u>Robson Theatre</u> ?	Depois, a Maddy tratou das questões práticas: onde é que ficava o <u>Teatro Robson</u> .

Algumas destas referências têm um papel preponderante na história e nas personagens, tornando-se necessário traduzi-las para que público-alvo perceba a mensagem: a personagem principal lê um anúncio no jornal ("O Palco") sobre um concurso de talentos ("Estrelas do Futuro"), que terá lugar em Londres (no Teatro Robson).

Dos exemplos apresentados, a referência que se mostrou mais complexa foi a do "Robson Theatre" que, segundo o texto, se localizava no distrito de Covent Garden. Após uma breve pesquisa, foi possível verificar que este distrito londrino é característico pelos seus inúmeros teatros (usufruindo de, pelo menos, umas 51 instalações⁷), pelo que, inicialmente, pensou tratar-se de um teatro real e não um inventado pelo autor. No entanto, depois de efetuadas várias leituras sobre os serviços culturais disponíveis em Covent Garden concluiu-se que se tratava, efetivamente, de uma referência fictícia.

b. Citações

No terceiro livro, "My Parents are Driving me Crazy", surgiu um problema com uma citação, no que diz respeito à sua origem. Como todas as citações que surgem numa

⁷ <http://www.covent-garden.co.uk/Theatres/>

obra literária (ou noutro género textual), é importante verificar se já há uma tradução oficial na língua de chegada. Depois de pesquisar, pôde-se concluir que não só não havia uma tradução em português, como a fonte da citação não correspondia ao que estava escrito no texto original. De seguida, apresenta-se a frase em questão:

Original	Tradução
(...) the comedian Joan Rivers <u>said</u> , ‘Every time you make someone laugh you give them a little holiday.	(...) a humorista Joan Rivers <u>relembrou</u> que “cada vez que fazemos alguém rir, estamos a dar-lhe umas pequenas férias.

No livro, como forma de tentar justificar a sua paixão e empenho na comédia, em detrimento dos seus resultados escolares, a personagem Louis evoca as palavras de uma humorista estadunidense.

No entanto, ao investigar sobre a origem da citação, não é claro quem disse a frase citada (e atribuída a Joan Rivers pelo autor). Numa entrevista ao canal de televisão CNN, Joan Rivers comenta: “Winston Churchill said *if you make someone laugh, you give them a little vacation* and maybe you take the worst thing in the world and make it funny. (...) It’s a vacation for a minute from horror.”⁸ (itálico meu).

Como se pode ver, Rivers não se assume como autora da frase (tendo esta, também, sido adaptada pelo autor), mas atribui-a ao político britânico Winston Churchill. Porém, não se encontrou qualquer informação (fidedigna) que garantisse ou pudesse sequer indicar que Churchill fosse o autor da frase. Daí surgiu a questão: Deverá atribuir-se a citação a Rivers ou a Churchill?

De forma a resolver o problema, preferiu-se alterar o verbo que introduz a citação (no original: “said”), optando por “relembra” em vez de “dizer”. Assim, mesmo que Joan Rivers não tenha sido a fonte original da citação (e lhe seja atribuída tal no livro), a tradução não apresenta erros de informação e veracidade, pois a frase foi, de facto, *relembra*da por Rivers na entrevista.

⁸O vídeo da entrevista pode ser visto em: <https://www.thewrap.com/joan-rivers-storms-out-of-live-cnn-interview-shut-up-video/#sthash.cUEM9R5N.dpuf>

c. Hábitos e costumes

Ao longo dos três livros, aparecem algumas referências a hábitos e costumes típicos da cultura de partida, como por exemplo, celebrações (feriados, dia de Natal, passagem de ano) ou festas (como o “Halloween”). Em determinados casos, foi necessário adaptar as referências, através da substituição de um dos termos ou da reformulação do texto, de forma a adequá-las à cultura portuguesa.

I. Celebrações

Exemplo 1	
Original	Tradução
We were greeted at the door by a smiling boy handing out paper hats which Maddy and I promptly lost. <u>(I refuse to wear a paper hat, even on Christmas Day.)</u>	Fomos recebidos, à entrada, por um rapaz sorridente a entregar chapéus de papel (que perdemos muito rapidamente). <u>Recuso-me a usar esses chapéus, mesmo nas festas de aniversário.</u>

Neste primeiro exemplo, as duas personagens encontravam-se na festa de aniversário de um hotel e, à entrada do salão de festas, eram distribuídos chapéus de papel. É de notar que o comentário do Louis, após livrar-se rapidamente do adorno, faz alusão ao dia de Natal. Ora, se um tradutor está familiarizado com os hábitos culturais da cultura de partida, saberá que é muito comum as pessoas usarem uns chapéus de papel no dia de Natal. No entanto, o público-alvo (crianças e jovens) provavelmente não terá a mesma bagagem cultural que um tradutor deve possuir, pelo que, à partida, irá estranhar o comentário do Louis. Assim, ao substituir um item específico da cultura inglesa (usar chapéus de papel no dia de Natal) por algo mais frequente na cultura de chegada, a criança portuguesa poderá identificar-se mais com o texto e a tradução terá o mesmo impacto que o texto original (Baker, 1992: 40). A solução proposta evoca os chapéus que se usam nas festas de aniversário, os quais serão facilmente reconhecidos pelas crianças.

Exemplo 2

Original	Tradução
‘What an amateur,’ I said. ‘You never had that problem with me at <u>Halloween</u> .	– Mas que amador – comentei. – Nunca tiveste esse problema comigo no <u>Dia das Bruxas</u> .
“So, <u>trick or treating</u> tonight?” I asked Dad.	– Hoje à noite <u>há dose de Doces ou Travessuras</u> ? – perguntei ao Pai.
The <u>trick or treaters</u> are back.	Os <u>mascarados</u> voltaram.

Este segundo exemplo diz respeito ao “Halloween”. Apesar de ser algo fortemente enraizado na cultura anglo-americana, nestes últimos anos tem-se assistido a uma maior adesão da comunidade portuguesa a essa celebração.

No entanto, esta adesão demonstra-se mais a nível de máscaras e disfarces (bruxas, feiticeiros, múmias...) e festas (com a temática especial de “Halloween” e às quais os participantes vão disfarçados), do que a pedir doces de porta em porta. Assim, legitima-se o uso do nome, já bastante difundido, “Dia das Bruxas” e o termo “Doces ou Travessuras” (o qual tem como variante “Doçuras ou Travessuras”).

Mesmo tendo estes termos bem definidos inicialmente, revelou-se difícil encontrar os equivalentes em português quando no texto original estes aparecem como verbo (ação de ir “trick or treating”) e substantivo (designando aqueles que participam na atividade “trick or treaters”).

Para a primeira situação, possíveis soluções como: “Vais participar no Doces e Travessuras” ou “Vais ao Doces e Travessuras” não se inserem de forma natural no texto, nem transmitem a ideia correta do que é o ato de ir “trick or treating”, dando a sensação errónea de que se trata de um evento específico e organizado ao qual as pessoas aderem (com data e hora fixa, digamos) e não algo espontâneo. Daí que se tenha tentado dar a volta à frase com algo menos específico e restritivo como “...há dose de Doces ou Travessuras?”.

A segunda situação “The trick or treaters are back” trata de um comentário do Louis, que ficou em casa, sobre o pai e o irmão mais novo que tinham saído para festejar o Dia das Bruxas. Optou-se por usar o termo “mascarados” para “trick or treaters”, pois enquadra-se no contexto do livro e na festividade, uma vez que a maioria das pessoas, no

Dia das Bruxas, anda vestida de seres assustadores e tanto o pai como o Elliot, o irmão mais novo, tinham saído com máscaras.

II. Estações

O próximo problema trata de expressões que se usam, em ambas culturas, para designar dias seguidos de muito calor, normalmente atípicos para a estação em que se inserem (no texto a ação decorre no outono, a 15 de outubro).

Em inglês, a expressão “indian summer” é aplicada para descrever dias muito secos e quentes que ocorrem em finais de outubro ou princípios de novembro (“a period of mild, dry weather, usually accompanied by a hazy atmosphere, occurring usually in October or early November and following a period of cold weather.”)⁹. Por sua vez, “Verão de São Martinho” diz respeito a uma “série de dias quentes nas proximidades da festa de S. Martinho [que decorre a 11 de novembro]”¹⁰.

Exemplo 1 ¹¹	
Original	Tradução
Apparently we're in for a bit of an <u>Indian summer</u> with one of the warmest Octobers ever.	Pelos vistos, vamos apanhar um <u>verão de São Martinho</u> com o mês de outubro mais quente de sempre.

Apesar de poderem ocorrer em datas distintas, o fundamental de ambas as expressões é a intensidade do calor ao longo de um certo período de dias, numa altura do ano pouco expectável (outubro e novembro). Assim, com a expressão “verão de São Martinho” procurou obter-se um equivalente funcional, no sentido em que o público-alvo reconhecerá a expressão característica da sua própria cultura, identificando o essencial da mensagem (calor inesperado).

III. Atividades Lúdicas

⁹ Definição retirada de Dictionary.com (disponível em: <http://www.dictionary.com/browse/indian-summer>)

¹⁰ Definição retirada do Dicionário da Língua Portuguesa (disponível em <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/verao>)

¹¹ Exemplo retirado do livro “My Parents are out of Control”

Na seguinte tabela observam-se alguns exemplos de atividades de lazer características da cultura de partida. Procurou-se que a tradução mantivesse o significado presente no texto original, relativamente ao tipo de dança descrito, para que o leitor pudesse entender em que consistiam e criar, assim, uma imagem mental correta e que correspondesse ao que o autor pretendia.

Exemplo 1 ¹²	
Original	Tradução
I'm considering <u>barn dancing</u> or aerobics for them now.	Agora, estou a ponderar metê-los em <u>danças folclóricas</u> ou aeróbica.
I keep expecting him to break into <u>Riverdance</u> .	Só lhe falta desatar a <u>fazer sapateado</u> .

De forma a obter possíveis equivalentes na cultura de chegada para “barn dancing” e “Riverdance”, teve-se em conta não só a definição encontrada em dicionários monolíngues, mas também vídeos e imagens de pessoas a praticar estas danças.

Ainda que as “barn dances” não incluam obrigatoriamente um traje a rigor, a música tradicional e passos e ritmos bem definidos são elementos essenciais à sua execução. Um possível equivalente, facilmente reconhecido por uma criança portuguesa, e igualmente rico em dança e música tradicional são as danças folclóricas. Relativamente a “Riverdance”, a definição no Oxford Advanced Dictionary diz o seguinte: “a popular stage show based on a type of Irish dancing called 'stepdance', which involves very quick movements of the feet while the arms remain at the side of the body.”¹³ Uma vez que o sapateado é o fator central deste tipo de dança irlandesa, a opção de manter somente no texto de chegada “a fazer sapateado” já satisfaz a imagem mental que o autor quis transmitir.

3.1.3. Gastronomia

A alimentação é indiscutivelmente uma forma de expressão de uma cultura, variando tanto a nível dos alimentos típicos de um país, como no modo como se

¹² Exemplos retirados do livro “How to Train Your Parents”

¹³ Definição disponível em:

<http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/riverdance?q=riverdance>

confeccionam e ingerem. Assim, é natural que esta diferença a nível de hábitos alimentares possa vir a causar algum estranhamento ao leitor e, por conseguinte, conduzir a um afastamento do texto, seja por incompreensão ou perda de identificação com personagem ou contexto cultural. Para tentar suprimir ou atenuar estas consequências, o tradutor pode recorrer a uma série de adaptações, as quais podem passar por uma substituição do alimento por um mais comum na cultura de chegada, uso de um hiperónimo, paráfrase, entre outros. Segundo Belén Cascallana (2014), havia uma maior tendência para uma tradução mais orientada à cultura de partida, revelando soluções como a tradução literal/transliteração de alimentos. No entanto, recentemente, esta preferência tem vindo a ser alterada, assistindo-se a uma tentativa de aproximação à cultura de chegada, recorrendo a estratégias de adaptação cultural dos alimentos, generalização ou explicação (*ibidem*: 104).

Uma vez que um dos objetivos da tradução dos livros, a seguir durante o estágio, era adaptar à realidade de uma criança portuguesa, deu-se prioridade à adaptação dos alimentos para a cultura portuguesa.

De seguida, mostram-se alguns exemplos das várias abordagens à gastronomia presente nos três livros traduzidos.¹⁴

Exemplo 1	
Original	Tradução
What's for tea?	O que é o lanche?
'Come round to mine then. You can have your tea here as well, if you like.	Vem até minha casa, então. Podes lanchar aqui, também, se quiseres.

O primeiro exemplo demonstra uma expressão bastante comum na cultura de partida: “what’s for tea”. Naturalmente, “lanche” afigura-se um equivalente possível para esta expressão.

Exemplo 2	
Original	Tradução
Dad's birthday. I got him <u>a box of</u>	São os anos do Pai. Comprei-lhe uma <u>caixa</u>

¹⁴ Os exemplos seguem a ordem dos livros traduzidos (“How to Train your Parents”, “My Parents are out of Control” e “My Parents are driving me Crazy”).

<u>shortbread</u> and a football, which when you kick it plays a tune. I know, I spoil him.	<u>de biscoitos de manteiga</u> e uma bola de futebol que dá música ao chutar. Eu sei, mimo-o demasiado.
But eventually she found something on the menu she liked – <u>a jacket potato with cheese</u> .	Mas lá acabou por encontrar algo que lhe agradou: <u>batatas assadas recheadas com queijo</u> .

As duas situações do segundo exemplo dizem respeito a cozinha típica da cultura de partida, tanto a nível de alimentos tradicionais como a forma de confeção. Na definição para “Shortbread” do Oxford Advanced Learner’s Dictionary lê-se “a rich crisp biscuit/cookie made with flour, sugar and a lot of butter”¹⁵. Não conhecendo esta definição e sem uma explicação extra no texto, os leitores não iriam entender de que tipo de alimento se tratava. Tendo em conta o nome, poderiam até assumir que se referia a algum tipo de pão. Preferiu-se eliminar o nome tradicional em inglês, através de uma generalização, optando pelo termo em português “biscoitos de manteiga”.

Recorrendo ao Google Imagens, para perceber o formato do “Shortbread”, concluiu-se que tanto poderia ser traduzido como bolachas ou biscoitos de manteiga. Biscoitos pareceu a melhor opção, porque, por um lado, trata-se de uma prenda de aniversário. Por outro lado, os biscoitos costumam ser mais abrangentes, a nível de formato, do que as bolachas. É muito comum ver biscoitos com formas retangulares ou redondas (e outros formatos especiais), mas as bolachas tendem a ser redondas. Para além de que a definição do Dicionário de Inglês-Português da Porto Editora, para “shortbread”, apresenta-se como: “bolacha amanteigada, biscoito amanteigado”¹⁶.

Relativamente ao termo “jacket potato”, a melhor solução foi explicar em que consistia o prato. Neste caso, são batatas que vão a assar no forno com a casca e, normalmente, levam algum tipo de recheio (queijo, feijão...). Como as batatas recheadas no forno mantêm, por norma, a casca, optou-se por omitir esta informação, dizendo apenas “batatas assadas recheadas com queijo”.

¹⁵ Definição retirada de:

<http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/shortbread?q=shortbread>

¹⁶ Definição retirada de: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/shortcake>

Exemplo 3	
Original	Tradução
Downstairs Dad grinned at us through a cloud of stinkiness.	O Pai sorriu-nos, na cozinha, através de uma nuvem fétida.
‘It’s the full hotel breakfast this morning – orange juice, tea and toast, porridge and <u>kippers</u> .	– Esta manhã há um pequeno-almoço completo de hotel. Temos sumo de laranja, chá e <u>café</u> , torradas, papas de aveia e <u>ovos mexidos</u> .

Este último exemplo foi o que se teve de adaptar mais, uma vez que a sua tradução literal iria causar demasiada estranheza na leitura. Tal deve-se principalmente ao termo “kippers”, que corresponde a arenques defumados. Se nem sempre os hábitos alimentares dos mais jovens incluem peixe, de forma regular, na sua alimentação, ver as personagens a comer arenque para o pequeno-almoço acabaria por criar um choque cultural desnecessário. Assim, justifica-se a omissão deste ingrediente, compensando com outros mais familiares para o público juvenil. Uma vez que a personagem também faz menção ao “pequeno-almoço de hotel”, procurou-se que os alimentos a acrescentar fossem ao encontro da ideia geral que se tem sobre a oferta existente no pequeno-almoço de hotel: café e ovos mexidos.

3.1.4. Topónimos e estabelecimentos

De acordo com Torre (1994), devem traduzir-se todos os nomes de países, cidades, províncias e outras localizações geográficas que tenham uma forma oficial já consagrada na língua de chegada. Para verificar qual a forma correta de se referir a determinado local, é preferível que se consulte um dicionário de gentílicos e topónimos, disponível no Portal da Língua Portuguesa¹⁷, evitando, assim, erros desnecessários. Teve-se este cuidado ao longo do processo de tradução dos livros e, nos casos em que não há uma forma inserida na língua de chegada, procurou-se acrescentar informação, a fim de ou situar o leitor geograficamente ou de esclarecer quanto ao tipo de local (vila, cidade, distrito...). De seguida, apresentam-se alguns exemplos de informação extra fornecida na tradução, tanto para locais geográficos, como para estabelecimentos.

¹⁷<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=toponyms&action=toponyms&act=list&letter=b>

Exemplos	
Original	Tradução
It was in Covent Garden in London.	Ficava <u>no distrito</u> de Covent Garden, em Londres.
Next caller, Louis, 12, from <u>Herts</u> .	Próximo ouvinte: Louis, 12, <u>Hertfordshire</u>
‘And that is going to be something,’ she said, ‘because we’re holding it at the Royal Albert Hall.’	– E isso vai ser realmente espetacular – acrescentou a Evie –, porque será <u>no famoso salão de espetáculos</u> Royal Albert Hall, <u>em Londres</u> .

De forma a entender a abordagem ao segundo exemplo citado, uma vez que não se acrescentou “condado” (comparando com “no distrito de Covent Garden”), explicar-se-á o contexto em que aparece no segundo livro.

A personagem, Louis, decide participar num programa de televisão que aceita chamadas dos telespetadores. É um programa fictício (inventado pelo autor) e apresentado por um Dr. Magnus que tenta resolver os problemas dos seus convidados e dos seus ouvintes. Quando Louis liga para o programa, aparece no ecrã da televisão “Next caller, Louis, 12, from Herts”, como forma de anunciar o próximo ouvinte. À semelhança do que acontece em programas da televisão portuguesa, esta frase introdutória tem de ser curta e direta, fornecendo somente o essencial: nome de quem participa (Louis), idade (12) e de onde está a ligar (Herts).

Pela impossibilidade de acrescentar informação acerca do local (especificar que é um condado) por não se enquadrar no que é normal nestes casos, substituiu-se Herts (abreviatura do condado Hertfordshire) pela sua designação inteira “Hertfordshire”. Atendendo ao contexto e à familiaridade que o leitor terá com esta forma (nome, idade, local de onde liga), saberá reconhecer de que se trata e não causará tanta confusão como se apenas aparecesse a abreviatura “Herts”. Para além disso, já é do conhecimento do leitor, graças a várias menções feitas pela personagem ao longo dos livros, que Louis vive perto de Londres, sendo aí que a história se desenrola.

Por último, foi necessário acrescentar informação no terceiro exemplo, porque, de outra forma, o leitor não entenderia a importância de o evento (presença no concurso de

talentos) se realizar no Royal Albert Hall. Para reconhecer a magnitude do que o texto original procura transmitir e a ênfase presente na frase, seria necessário conhecer muito da cultura do país de origem. Assim, para preencher ou atenuar esta “lacuna” cultural forneceu-se uma breve descrição do espaço “famoso salão de espetáculos”.

3.2. Problemas do Foro Linguístico

A nível linguístico também se apresentaram várias questões importantes. Uma vez que a literatura, e especialmente os livros infanto-juvenis, assume tanto uma vertente lúdica como educativa, é essencial que a escrita tenha um bom nível de correção linguística. Um dos problemas mais extensos diz respeito ao léxico, não só pela adequação que se teve de fazer tendo em conta o público-alvo, mas também pela forte presença de coloquialismos. Apresentam-se, ainda, alguns exemplos a nível de expressões idiomáticas (as quais nem sempre têm um equivalente direto noutra cultura), estrangeirismos (de notar a sua crescente aceitação na cultura e língua portuguesa), assim como questões de género, as quais também acabam por surgir no texto, de uma forma quase tão subconsciente que nem sempre são apercebidas.

3.2.1. Léxico

a. Léxico Coloquial

Como já foi referido no capítulo “Livros Traduzidos” (em particular nos problemas do livro “My parents are out of control”), o segundo livro foi dos que teve mais problemas relativamente ao léxico. Uma vez que o léxico é fortemente coloquial, foi necessário fazer uma pesquisa antes de proceder à tradução, de forma a elaborar uma lista de termos coloquiais em português que pudessem corresponder aos termos do texto de partida.

Para além disso, o uso de calão variava consoante a personagem. Em muitas situações, certas personagens (nomeadamente os pais do Louis) empregavam um calão juvenil completamente despropositado, o que causava um efeito cómico. Esta disparidade a nível de calão teve, igualmente, de ser refletida na tradução.

No final, acabamos por ter três tipos de calão: aquele que se encontra em desuso atualmente (ainda que correto) e usado pelos pais do Louis no início do livro; o calão do Louis, mais atual e correto, já que é usado por todos os jovens; e o calão exagerado e sem

nexo, que os pais tentam empregar para acompanhar os jovens, o qual tem um efeito cómico. De seguida, apresentam-se exemplos retirados do livro, que tentam ilustrar os diferentes usos do léxico coloquial.

Exemplo 1 – Calão em desuso	
Original	Tradução
‘Well, I had other stuff to do then, but when it was on <u>I was having a boogie.</u> ’ ‘Having a boogie,’ I echoed, laughing very loudly. ‘No one says that.’	– Bem, tinha umas coisas para tratar, na altura. Mas enquanto estive a ver, <u>senti bué a batida.</u> – Sentir bué a batida – repeti, rindo-me muito alto. – Já ninguém diz isso!

Quando confrontado com a sua idade (45 anos), o pai do Louis afirma ter assistido a um programa de rap, num canal de música, e gostado bastante. Para demonstrar a sua satisfação, emprega uma expressão coloquial “I was having a boogie”, já bastante em desuso na língua de partida, tendo como consequência o gozo do filho. Como forma de tentar igualar esta expressão coloquial, mantendo um certo nível de distanciamento entre o que se diz atualmente e o que se costumava dizer, optou-se pela expressão “sentir bué a batida”. Ainda que a sua utilização não esteja errada, já não é tão comum como outras que procuram expressar o mesmo sentimento (como se verá na tabela seguinte) e, dito por um adulto, causa sempre uma estranheza, particularmente pelo uso de “bué”.

Por outro lado, acaba por soar, também, a uma construção demasiado forçada que em nada condiz com o restante discurso do pai.

Exemplo 2 – Aprendizagem dos pais	
Original	Tradução
‘When I said <u>I was having a boogie</u> on Sunday, you laughed.’ I laughed again. ‘So no one says that?’ asked Dad. ‘Not even Shaun the Sheep,’ I replied. ‘So what would you say if you were off to	– Quando disse que <u>estava a sentir bué a batida</u> , no domingo, começaste-te a rir. E ri-me novamente. – Já ninguém diz isso? – Nem sequer a Ovelha Choné – respondi. – Então o que dirias se estivesses a ouvir

hear some jolly good catchy music?’ said Mum, joining in. ‘Well, you might say, <u>I’m grooving down to some fat tunes</u> ,’ I replied.	uma música divertida e aliciante? – perguntou a Mãe, participando. – Bem, poderias dizer que <u>estavas a curtir um grande som</u> – respondi.
‘Just tell us some more of the current hip words—’ said Dad. ‘Ones young people are using?’ I interrupted. ‘The young and the youngish,’ said Dad briskly. ‘Now, what about <u>Yo</u> – when exactly do you say that?’ ‘Just look on me as the Yoda of cool stuff,’ I said. ‘And harken to my deep wisdom.’	– Diz-nos só algumas das palavras que estão mais na onda, hoje em dia... – Que os jovens usam? – interrompi. – Jovens e outras pessoas relativamente novas – disse o pai, bruscamente. – Começamos então... Em que situações se usa “ <u>Está tudo, meu</u> ”? – Pensa em mim como o Yoda das coisas fixes – disse –, e presta atenção à minha infinita sabedoria.

De forma a tentar aproximar-se dos jovens, os pais do Louis pedem-lhe que ensine algumas palavras que estão mais na moda entre a camada juvenil. Como resultado, o Louis começa a treinar os pais no uso correto de calão, fornecendo vários exemplos de uso mais corrente. De notar a alternativa proposta pela personagem à frase do exemplo anterior, “curtir um grande som”, pois revela-se muito mais natural e atual.

Relativamente a “Yo”, há variações ao longo do texto, podendo tanto aparecer como “Está tudo, meu” ou “Então, meu”. Do léxico coloquial que é partilhado pelas personagens, esta última (e suas variantes) são as que mais destoam quando proferidas pelos adultos, uma vez que têm um uso demasiado coloquial, estando, também, inseridas e dependentes de contextos sociais específicos (grupo de jovens). Por isso, acabam por tornar-se, propositadamente, expressões desfasadas.

Exemplo 3 – Calão usado pelo Louis	
Original	Tradução
Relics	Cotas
Wicked	Fixe
Chillax	Estar na descontra

Lateres	Vou bazar
---------	-----------

Nesta última tabela estão expostos alguns exemplos de vocabulário mais coloquial que o Louis emprega ao longo do livro, os quais, depois, começarão a ser usados pelos pais.

De forma a conseguir reunir uma série de vocábulos coloquiais que fossem de uso corrente entre os jovens, foi necessário consultar livros similares (ou seja, com personagens juvenis e/ou tratando de entradas de diário) e séries de televisão juvenis. Quanto maior a exposição a este registo, mais capacidade se teria para elaborar uma tradução com um léxico coloquial atual, com o qual as crianças e jovens se pudessem identificar e saber reconhecer a piada nos casos em que não são utilizados da forma correta.

De seguida, mostra-se um exemplo de uma situação que se torna cómica devido especificamente ao tipo de vocabulário usado.

Exemplo 4 – Calão sem nexo, de efeito cómico	
Original	Tradução
We were all surging outside towards the car park when a voice shouted out of the darkness, ‘ <u>Yo, everyone, hope you had a wicked time. But I’m looking for my blood. Is he here?</u> ’	Estávamos todos a sair, em direção ao parque de estacionamento, quando se ouviu uma voz vinda da escuridão a gritar: – <u>Então, malta, espero que a festa tenha sido de arromba! Estou à procura do meu puto, ele está por estas bandas?</u>

À saída de uma festa na escola, estando todos os alunos no exterior do recinto, o pai do Louis aparece à sua procura. E, aos gritos, demonstra todo o novo vocabulário coloquial que aprendeu, deixando todos os jovens boquiabertos a olhar para ele.

Nesta situação está em destaque o desfasamento existente entre a linguagem que os jovens usam e aquela usada, normalmente, pelos adultos. Quando se invertem estes papéis, fazendo uma pessoa adulta comportar-se e comunicar como se fosse um adolescente, através de vocabulário típico desta faixa etária, gera-se um efeito cómico. Assim, era importante que a linguagem utilizada pelo pai do Louis para se comunicar fosse excessivamente carregada de calão, de forma a salientar o desespero deste em imitar e integrar-se entre os jovens, acabando por cair no ridículo.

Ao ler o texto, o público-alvo conseguirá perceber e detetar o exagero, seja pelo elevado número de expressões coloquiais seguidas, seja pelo pai se dirigir aos jovens por “malta” e referir-se ao Louis como “o meu puto”, e, espera-se, achar piada à situação.

b. Preferência por léxico mais geral na tradução

No primeiro livro, “How to Train your Parents”, surgem alguns vocábulos que, caso se procedesse a uma tradução literal, poderia causar estranheza no público-alvo e incompreensão do texto. Assim, optou-se ou por substituir certos termos demasiado específicos, favorecendo alguns mais facilmente identificáveis na cultura de chegada, ou por reformular o texto, sem alterar o significado.

Vejam-se os seguintes exemplos:

Exemplo 1	
Original	Tradução
After the meal came an unexpected <u>cabaret</u> .	Quando acabámos de comer, seguiu-se um <u>concerto</u> inesperado.
I really hate her. And she’s got a face like a <u>halibut</u> .	Odeio-a profundamente. E tem uma cara que parece um <u>peixe</u> .
In this time of adversity he and I have discovered our <u>brotherhood</u> .	Descobrimos <u>como ser verdadeiros irmãos</u> , nestes tempos difíceis.

A primeira frase diz respeito a uma pequena demonstração musical, realizada aquando da visita do Louis à casa dos seus vizinhos, que o Theo faz no piano. Embora o termo “cabaré” exista na língua portuguesa (“lugar ou estabelecimento onde se servem bebidas e se dança, e onde frequentemente têm lugar espetáculos de variedades”)¹⁸, não constará, a princípio, do vocabulário corrente de uma criança. Assim, optou-se pelo termo “concerto”, pois, para além de transmitir corretamente o significado do texto original (atendendo à situação), será muito mais familiar e facilmente reconhecível para uma criança.

¹⁸ Definição retirada do Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico (disponível em <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cabar%C3%A9>)

Na segunda frase, Louis demonstra o seu desagrado perante uma professora e acusa-a de ter uma cara de peixe. Embora haja uma tradução possível para “halibut” (halibute), como não é um peixe muito popularizado em Portugal, nem todas as pessoas poderão saber o que é um “halibute”. Para além de não identificarem imediatamente que se trata de uma espécie de peixe, poderão correr o risco de associar o nome à pomada Halibut. Em qualquer dos casos, a função do texto original perde-se. De forma a evitar confusão ou ambiguidade, preferiu traduzir-se como “cara de peixe”, sendo mais fácil para o leitor formar uma imagem mental do alvo deste insulto.

Por último, atenda-se às possíveis traduções do termo “brotherhood”¹⁹: “1. Irmandade; confraria. 2. Fraternidade; laços fraternais”. Vendo a frase em questão, nenhuma destas opções parece resultar, pois teriam um registo pouco adequado ao de uma criança. Algumas opções de tradução poderiam ser: “Descobrimos como fortalecer os nossos laços fraternais, nestes tempos difíceis” ou “Descobrimos o nosso lado fraternal...”.

Porém, nenhuma revela um tom suficientemente natural, nem é credível que seja proferida por uma criança (o livro é composto por entradas de diário...). Assim, optou-se por reformular a frase, mantendo, ao mesmo tempo, a ideia presente no texto de partida e a naturalidade no texto de chegada: “Descobrimos como ser verdadeiros irmãos...”.

c. Recurso a Hiperónimos

Ainda comentando situações lexicais para “How to Train your Parents”, surgem algumas alterações feitas no texto de chegada, recorrendo a hiperónimos. Se se optasse por manter “Tesco” e “HMV” na tradução, não acrescentando qualquer descrição sobre os estabelecimentos, seria difícil que uma criança, ao ler, soubesse de que tipo de loja se tratava. Assim, decidiu-se substituir os termos originais por possíveis hiperónimos, “supermercado” e “loja de música”, transmitindo ao leitor a informação essencial de forma imediata.

Exemplo 1	
Original	Tradução
‘But could you cope with being mobbed in	Mas será que conseguias lidar com ser

¹⁹ Traduções retiradas do Dicionário Inglês-Português da Porto Editora (disponível em <http://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/brotherhood>)

Tesco?’	assaltado no <u>supermercado</u> ? – brincou o Pai.
Worse than this, he once started playing an imaginary guitar in an <u>HMV store</u> .	Pior do que isto só quando começou a fingir que tocava uma guitarra elétrica (imaginária) numa <u>loja de música</u> .

d. Consistência Terminológica

Já se comentou, em capítulos anteriores, a importância de se manter uma consistência terminológica, ao longo dos livros traduzidos, uma vez que se trata de uma trilogia. Assim, houve um cuidado especial para se traduzir um termo da língua de partida da mesma forma, sempre que este não sofra alterações com o contexto, como por exemplo: assembly/reunião de professores e alunos, registration/chamada, hell-hole/buraco infernal, os nomes dos concursos de talentos, entre outros.

Quando o público-alvo é habituado a um certo tipo de vocabulário, e grande parte dele com uma maior incidência escolar, qualquer desvio desta “norma” criada pelo tradutor será rapidamente detetada, podendo causar estranheza na leitura.

No entanto, é interessante contrastar esta procura de consistência terminológica com situações em que se procedeu a uma tradução diferente para o mesmo termo da língua de partida. Sempre que o contexto assim o exigia, foi necessário empregar distintos termos ou expressões equivalentes na língua de chegada, para o mesmo termo em inglês (De Moraes, 1998: 146). Estas diferenças verificaram-se maioritariamente a nível de expressões coloquiais, as quais dependiam da situação em que ocorriam e de quem as dizia, mas também houve casos em que o vocabulário (corrente) variava consoante a personagem em questão (forma de falar dos alunos é claramente distinta da dos pais e professores, por exemplo).

Veja-se a seguinte tabela:

Exemplo 1	
Original	Tradução
‘We’ve been meaning to ask you something all weekend. When Rup touched fists with	– Temos andado para te perguntar algo o fim de semana todo. Quando o Rup te

<p>you, he said something...’</p> <p>‘<u>Safe</u>,’ I said at once.</p> <p>Mum and Dad both repeated the word.</p>	<p>cumprimentou batendo os punhos, ele disse uma coisa...</p> <p>– <u>És boa onda</u> – disse logo.</p> <p>Os meus pais repetiram a expressão.</p>
<p>Then Dad stuck out his hand. We had to touch fists with everyone watching. And when he shouted out, ‘<u>Safe</u>,’ a couple of people giggled.</p>	<p>Depois, o Pai estendeu-me a mão e tivemos de nos despedir com um bater de punhos... à frente de toda a gente. Quando gritou “<u>Vai ser top!</u>”, algumas pessoas começaram a rir-se.</p>

As duas situações apresentadas para o “Exemplo 1” ocorrem em diferentes capítulos do livro, a primeira aparecendo numa fase inicial e, a segunda, já quase no final da história. É possível ver a evolução do comportamento dos pais, na medida em que, na primeira frase, começam a questionar como se usa corretamente certa expressão coloquial e, na segunda frase, já se nota um à vontade muito maior na linguagem juvenil.

Na primeira situação apresentada, os pais do Louis mencionam a forma como a personagem Rup o cumprimenta. Para além de um bater de punhos, dirige-se ao Louis com a expressão coloquial “Safe”. Vendo a entrada do Oxford Advanced Learner's Dictionary para esta palavra, constata-se que a definição mais adequada é: “(British English, informal) used by young people to show that they approve of somebody/something”²⁰. Assim, uma possível expressão coloquial equivalente em Português seria “És boa onda”, a qual também transmite aprovação de alguém.

Porém, na segunda frase, o contexto em que se utiliza o termo “safe” é diferente. O Louis, acompanhado pela amiga Maddy e pelo seu pai, está à espera do resultado de um sorteio que determinará a ordem de entrada no palco de um concurso de talentos. Quando descobre que será o primeiro a atuar, tanto a Maddy como o seu pai tentam apoiá-lo e incentivá-lo. A expressão escolhida pelo pai do Louis é “safe”.

Como se pode observar, embora os termos sejam os mesmos na língua de partida, não se poderia traduzir este “safe” como “És boa onda!”, porque o significado que este termo acarreta e a situação em que é enunciado são completamente distintos.

²⁰ Definição disponível em:
http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/safe_1?q=safe

Assim, foi necessário procurar outra expressão equivalente, na língua de chegada, que se adequasse tanto ao termo de origem como ao novo contexto, sem perder o tom coloquial. Uma vez que o objetivo do pai do Louis é dar-lhe confiança, a expressão “Vai ser top!” revelou-se uma solução viável para este contexto. Para além de que este coloquialismo é muito usado entre os jovens.

Por fim, recorreu-se, também, a diferentes traduções para o mesmo vocábulo em inglês “dead”, quando este tinha uma função enfática, a fim de evitar repetições excessivas no texto de chegada.

De seguida, apresentam-se alguns exemplos desta variação lexical propositada:

Exemplo 2 ²¹	
Original	Tradução
I can be <u>dead</u> charming when I want to.	Consigo ser <u>bastante</u> encantador quando quero.
He’s younger than I’d expected and <u>dead</u> enthusiastic.	É mais novo do que eu pensava e <u>altamente</u> apaixonado pelo que faz.
‘Rup looked <u>dead</u> young, didn’t he?’ I said. ‘How old is he?’	Ele parecia <u>super</u> novo, não achas? – perguntei. – Quantos anos tem?

3.2.2. Expressões Idiomáticas²²

As expressões idiomáticas são um dos tópicos mais complicados na prática da tradução, pois exige do tradutor um grande conhecimento linguístico e cultural em ambas as línguas (cf. Ferreira, 2010).

Embora seja fundamental ter este conhecimento bem solidificado, também é importante saber reconhecer uma expressão idiomática (evitando traduções erradas, muitas vezes literais e sem sentido) e, caso não se esteja familiarizado com a expressão em causa, conhecer os recursos a utilizar para encontrar a melhor solução.

²¹ Os dois primeiros exemplos foram retirados do livro “How to Train Your Parents” e o último de “My Parents are out of Control”.

²² Os exemplos apresentados foram retirados do livro “How to Train Your Parents”

Para além disso, nas situações em que não se encontra uma solução satisfatória, seja por inexistência de um equivalente na cultura de chegada, seja por falta de resultados de pesquisa, é fundamental conhecer alternativas de tradução, para tentar manter uma proximidade de significados entre o texto de partida e o texto de chegada.

Ao longo da tradução dos três livros, surgiram algumas expressões idiomáticas para as quais não se encontrou uma expressão equivalente na língua de chegada, tendo-se recorrido a uma paráfrase, como forma de tentar manter o sentido do texto de partida.

De seguida, apresentam-se alguns exemplos desta situação:

Exemplo 1	
Original	Tradução
‘Oh Louis,’ he sighed, ‘when are you going to put some energy into your work? You’re just not trying, are you?’ Actually, I am trying. <u>But I’m not the brightest lamp in the shop.</u> I know and accept that. Why can’t my parents do the same?	– Louis, quando é que vais começar a aplicar-te no teu trabalho? Nem sequer tentas, pois não? Na verdade, estou a tentar. <u>Só não sou a pessoa mais esperta por estas bandas.</u> Eu sei e aceito isso. Porque é que os meus pais não conseguem fazer o mesmo?

Neste primeiro exemplo, o Louis é alvo de críticas dos pais, pelo seu mau desempenho escolar, e desabafa com o seguinte comentário: “I’m not the brightest lamp in the shop”. O significado da expressão é bastante claro, transmitindo a ideia de que o Louis não é muito inteligente, pelo menos não tanto quanto os colegas de turma.

Apesar de se ter efetuado uma longa pesquisa, não foi possível encontrar uma expressão equivalente em português. Procurou-se a expressão (e suas variantes: “not the sharpest tool in the shed”, “not the sharpest knife in the drawer”, “not the brightest bulb in the chandelier”...) em fóruns (como o WordReference, Proz, etc.), dicionários monolíngues e bilingues e dicionários de expressões idiomáticas Inglês-Português, mas sem resultados.

Ainda se considerou a possibilidade de utilizar as expressões portuguesas “não dar uma para a caixa”, “não ter nada na cabeça” ou “ser uma cabeça de vento”, mas nenhuma se enquadra convenientemente na frase por serem demasiado fortes e, talvez, agressivas ou

por terem um significado distinto (“ser uma cabeça de vento” aplica-se mais a pessoas distraídas, desatentas ou que mudam muitas vezes de ideias²³).

Assim, optou-se por manter o significado da expressão, ainda que dito por outras palavras: “Só não sou a pessoa mais esperta por estas bandas”.

Exemplo 2	
Original	Tradução
When a comedian doesn't get any laughs the technical term is ' <u>dying on your backside</u> '. Wouldn't it be ghastly if I did just that today?	Quando ninguém do público se ri das piadas de um humorista é costume dizer-se que é <u>tão seca que conseguiu adormecer a plateia</u> . Não seria horrível se isso me acontecesse?

No segundo exemplo também teve de recorrer-se a uma paráfrase, explicando em que consistia a expressão do texto de partida, pois não se encontrou um equivalente na língua portuguesa.

Uma vez que se trata de um livro cujo público-alvo é maioritariamente infantil, o autor adaptou a expressão idiomática, suavizando-a com um termo mais educado “backside”. Na sua forma original (“Die on your arse”), a entrada no “The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English” diz: “of a comedian, to fail to entertain”.

Após uma pesquisa nos recursos mencionados no exemplo anterior, também se procurou em glossários e terminologia relacionada com o teatro, com o intuito de descobrir se havia uma expressão similar de uso comum entre os praticantes desta arte. No entanto, como não se obteve resultados concretos, foi preferível reformular o texto.

O último exemplo diz respeito a uma situação em que não era claro se se tratava de uma expressão idiomática ou não.

Exemplo 3	
Original	Tradução
What Prue had told my parents had gone	A Prue feriu os meus pais com o que disse,

²³ Definição disponível no Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico (<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cabe%C3%A7a+de+vento?express=ter+a+cabe%C3%A7a+no+lugar>)

through them <u>like a dentist's drill</u> .	tal e qual uma broca do dentista.
--	-----------------------------------

Inicialmente pensou-se que “like a dentist’s drill” pudesse ser uma expressão, não só porque a associação é feita de uma forma um pouco inesperada, mas também pela forma gramatical que adota “like a...”, comum a muitas expressões na língua de partida – como por exemplo, “like a bat out of hell” – e, à partida, indicativa de que não se deve interpretar de forma literal (Baker, 1992: 78).

No entanto, após uma pesquisa, não se obtiveram quaisquer resultados que indicassem tratar-se efetivamente de uma expressão idiomática (consagrada na língua). Assim, optou-se por traduzir literalmente. Embora se saiba que tal, por norma, não é o recomendável, não se afigura um problema grave pois, neste caso, uma possível interpretação para a associação dor/broca do dentista, criada pelo autor, estará relacionada com o medo que a maioria das crianças tem em ir ao dentista. Por conseguinte, esta comparação seria facilmente entendida por todas as crianças, as quais se identificariam com a dor que o Louis estava a sentir.

3.2.3. Estrangeirismos

Ao longo da tradução admitiram-se alguns estrangeirismos, os quais já se encontram de uso bastante difundido na língua e cultura portuguesa e/ou foram admitidos nos dicionários.

No exemplo 1 apresentam-se algumas palavras, de origem inglesa, já inseridas no Português e de uso do quotidiano:

Exemplo 1	
Original	Tradução
‘It was . . . very interesting,’ said Mum firmly. ‘They monitored our heartbeats and gave us a <u>fitness plan</u> and—’	– Foi bastante... interessante – disse a Mãe, com uma voz firme. – Monitorizaram o nosso ritmo cardíaco e deram-nos um <u>programa de fitness</u> e...
Mum’s just changed into this new, spangly, blue <u>top</u> which Dad bought her.	A Mãe acabou de vestir um <u>top</u> novo, azul e com brilhantes, que o Pai lhe ofereceu.

A próxima situação poderá gerar mais dúvidas, quanto à legitimidade de permanência do estrangeirismo na tradução, uma vez que diz respeito a um termo mais técnico.

Exemplo 2	
Original	Tradução
<p>‘Flashbacks,’ I shouted out desperately.</p> <p>‘Flashbacks?’ he purred.</p> <p>‘Yeah, I get flashbacks in exam rooms – ever since I was attacked by a plague of killer wasps. There was a wasps’ nest right above my head and everyone got evacuated to safety – except me. The doctor said he’d never seen an attack like it. I suppose I’m lucky to be alive at all, really. And sometimes when I’m sitting in an exam room I get flashbacks. That’s what happened yesterday. I had this really massive flashback.’</p> <p>I like saying the word ‘flashback’ (as you might have noticed).</p>	<p>– <i>Flashbacks!</i> – gritei, em desespero.</p> <p>– <i>Flashbacks?</i> – perguntou o diretor.</p> <p>– Sim, quando estou em salas de exame, <u>tenho uns flashbacks, umas memórias repentinas de acontecimentos...</u> Isto desde que fui atacado por uma praga de vespas assassinas. Havia um ninho de vespas, mesmo por cima da minha cabeça, e toda a gente foi evacuada em segurança... menos eu. O médico disse-me que nunca vira tamanho ataque. Suponho que tenha muita sorte em estar vivo, para dizer a verdade. Às vezes, quando estou sentado numa sala de exames, tenho <i>flashbacks</i>. Foi isso que aconteceu ontem. Tive um gigantesco <i>flashback</i>.</p> <p>Gosto de dizer a palavra <i>flashback</i> (como deves ter reparado).</p>

A definição para “flashback” presente no Oxford Advanced Learner's Dictionary é a seguinte: “a sudden, very clear, strong memory of something that happened in the past that is so real you feel that you are living through the experience again”²⁴. No Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico lê-se “Flashback: regresso ao passado; recordação”²⁵, sendo utilizado o termo “analepse” na Literatura.

²⁴Definição disponível em:

<http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/flashback?q=flashback>

²⁵Definição disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/flashback>

Atendendo à definição proposta, nenhuma das opções parece viável como alternativa à palavra “flashback”, uma vez que não transmitem nem a carga emocional (intensa e associada a experiências traumáticas), nem o seu teor involuntário (e, por isso, repentino). Assim, como são conceitos diferentes, na sua conceção e característica psicológica, recordação e *flashback* não devem ser usados de forma intercambiável.

Após a consulta de literatura científica em Português, como artigos e livros relacionados com a psicologia, pôde-se concluir que este conceito é mencionado usando o estrangeirismo. Quando este fenómeno ocorre no cinema, também se usa o termo “flashback”, algo a que o público poderá estar mais habituado a ouvir. Por estas razões, optou-se por usar “flashback” na tradução, acrescentando uma breve explicação à frase (“tenho uns *flashbacks*, umas memórias repentinas de acontecimentos...”), mesmo que tal não tenha sido feito no original, para que se entendesse o conceito e, assim, diminuir qualquer estranheza que possa surgir.

Embora o termo se repita várias vezes ao longo do excerto, tal é justificado na última frase, quando o Louis admite gostar de dizer a palavra.

3.2.4. Formas de Tratamento

A língua portuguesa permite uma distinção no discurso entre o tratamento formal e informal, consoante o contexto social ou a proximidade do relacionamento dos intervenientes. Tendo isto em conta, foi necessário decidir quais as personagens é que se tratariam habitualmente por “tu” e as que exigiriam um tratamento por “você”, dependendo do grau de formalidade existente, uma vez que na língua de partida não se faz esta distinção a nível linguístico (mantém-se sempre o uso de “you”) e torna-se necessário inferir pelo contexto (cf. Mondim, 2013).

Definiu-se, inicialmente, que o tratamento usado em contexto familiar (entre o Louis e os pais e avós) seria a segunda pessoa do singular (“Mãe, estás toda janota!”²⁶), porque há um ambiente de grande familiaridade e proximidade entre estas personagens. Esta será a realidade mais comum para uma criança portuguesa, pelo que se se optasse por uma forma de tratamento mais formal, haveria, seguramente, um certo afastamento ao texto. Por outro lado, também poderia implicar um contexto socioeconómico distinto, o que não é o desejado nem descrito no texto de partida.

²⁶ Exemplo retirado do livro “How to Train Your Parents”.

No entanto, nos casos em que os pais do Louis se dirigem aos avós optou-se pelo “tratamento por você” (“Aí é que se engana – retorquiu o Pai, quase berrando”²⁷), pois é normal, na cultura portuguesa, a presença desta forma de tratamento quando se fala com pessoas mais idosas, por motivos de respeito.

As formas de tratamento indicam, ainda, o posicionamento de personagens em vários níveis hierárquicos, os quais podem ser condicionados por diferentes fatores (De Moraes, 1998: 90) como, por exemplo, a situação social e profissional. Ao longo dos livros, aparecem certas figuras de autoridade que exigem distintas formas de tratamento, como é caso dos professores e do chefe do pai do Louis. Optou-se por manter um tratamento mais impessoal, tanto para os professores como para o diretor da escola, para realçar a sua posição distanciada, de controlo e de disciplina sobre os alunos, o que está de acordo com o ambiente vivido na escola e a pressão que se faz sentir. Do mesmo modo, como o chefe da empresa está numa posição hierarquicamente superior à do pai do Louis no trabalho, é natural que esta distância se reflita nos diálogos, ainda que estes ocorram fora de um contexto profissional.

3.2.5. Questões de Género

Uma vez que a distinção de género na língua de partida e chegada é feita de forma diferente, foi necessário ter alguns cuidados na tradução. Se uma dada palavra no original (por exemplo, “teacher”) pode ter um referente masculino ou feminino, sendo necessário ver o contexto para determinar o género, em português o seu equivalente direto já explicitaria, à partida, o género (“professor” ou “professora”). Em certas situações, para manter o interesse na história, foi preferível procurar diferentes soluções para evitar desvendar quem era a personagem em questão.

Vejam-se os seguintes exemplos retirados de “My Parents are driving me Crazy”:

Exemplo 1	
Original	Tradução
Chapter Seventeen <u>You’re the Winner</u>	Capítulo Dezassete <u>Ganhaste!</u>

²⁷ Exemplo retirado do livro “My Parents are out of Control”.

‘To get us into the vibe,’ Evie added, ‘I want you all to shout out, “ <u>I’m a winner</u> ,” right now.’	– Para ficarmos com a energia certa – acrescentou a Evie –, quero que gritem todos “ <u>Vou ganhar!</u> ”, agora mesmo.
---	---

O primeiro exemplo é um título do capítulo em que o Louis vai disputar um concurso de talentos. A frase “You’re the winner” apresenta como possibilidades de tradução mais diretas: “és o vencedor” ou “és a vencedora”. Qualquer destas hipóteses já seria uma indicação, ainda que não completamente reveladora, de quem iria ganhar o concurso, pois o leitor já iria excluir as personagens masculinas ou femininas. De forma a manter uma certa ambiguidade na leitura, preferiu-se traduzir com “Ganhaste!”, tanto podendo referir-se a um rapaz ou rapariga.

O segundo exemplo contribuiu, também, para esta questão. Uma vez que o grupo de participantes era composto tanto por rapazes, como por raparigas, não teria sentido gritar somente “Sou um vencedor/Sou uma vencedora”. Assim, traduziu-se com o mais abrangente “Vou ganhar!”.

Por último, teve ainda de se ter em atenção a fórmula de agradecimento, pois, em Português, o uso de “obrigado/a” depende do género da pessoa que o diz. Enquanto se atribuía “obrigado/a” consoante a personagem que falava, no início tal não foi feito de forma automática para o Louis. Uma vez que se trata da personagem principal, predominando o discurso direto e a primeira pessoa (estando o livro composto por entradas de diário), o primeiro intuito era também aplicar “obrigada”, devido, talvez, a uma maior proximidade criada entre tradutor e personagem.

3.2.6. Outros

De seguida, apresentam-se alguns problemas que se encontraram, mas que não se enquadram em nenhuma categoria específica.

Exemplo 1	
Original	Tradução
Thanks a lot, <u>your wizardry</u> .	Muito obrigado, <u>excelentíssimo mago</u> .

A primeira frase é dita pelo Louis quando acaba de receber um sermão do Sr. Wormold, o seu diretor de turma. Não é claro o porquê de se referir a esta personagem como “your wizardry”, uma vez que não há nada no resto do livro “How to Train Your Parents” que possa justificar a sua súbita comparação com um feiticeiro. Em capítulos anteriores, o Sr. Wormold é caracterizado como uma pessoa que “usa calças até ao peito” e “que parece uma doninha com repas”.

Perante a ausência de outros elementos (como capa, manto, escritório assustador...) que contribuam para a formação de uma imagem mental de feiticeiro, atribuiu-se esta expressão ao sentido de humor do Louis. Assim, justifica-se que a frase não tenha relação aparente com o contexto.

O próximo problema foi procurar uma expressão que fosse equivalente ao texto de partida, atuando como vocativo, mas que não soasse demasiado artificial. Algumas opções iniciais foram: “excelentíssimo feiticeiro”, “feiticeiro-mor”, “grão-mestre”, “poderoso feiticeiro”, “mestre-feiticeiro”. De forma a manter uma certa reverência pela figura do diretor (ainda que irónica), presente no discurso do Louis, optou-se por “excelentíssimo” (“forma de tratamento cerimonioso que reflete grande respeito e deferência”)²⁸ e “mago”, já que não é tão comum como feiticeiro.

Exemplo 2	
Original	Tradução
‘And you’ve been with the company for over twenty years.’	– E você já trabalha na empresa há mais de vinte anos.
‘That’s right,’ said Dad, a little shyly. He’d taken his tie off and rolled up his shirt sleeves so Rup didn’t feel so out of place, which was decent of Dad. ‘ <u>I started right at the very bottom</u> , of course.’	– É verdade – disse o Pai, um pouco tímido. Tinha tirado a gravata e arregaçado as mangas da camisa, para que o Rup se sentisse mais à vontade, o que foi simpático da parte do Pai. – <u>Comecei pelos cargos mais baixos</u> , claro.
‘And he keeps getting promoted,’ I said, doing my bit to talk Dad up. ‘That’s why we had to move here.’	– E não para de ser promovido – intervim, para gabar um pouco o Pai. – Por essa razão

²⁸ Definição retirada do Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico (disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/excelent%C3%ADssimo>)

	é que tivemos de nos mudar para aqui.
--	---------------------------------------

Este segundo excerto (do livro “My Parents are out of Control”) mostra um diálogo entre o pai do Louis e o seu chefe, quando este começa a fazer perguntas sobre o seu historial na empresa (o Rup tinha acabado de assumir a chefia na empresa e queria conhecer os funcionários).

O problema surgiu na tradução de “I started at the very bottom”, pois não se conseguia encontrar uma expressão equivalente que fosse adequada. A opção inicial “Comecei a trabalhar nas posições mais baixas” revelava-se pouco natural e o sentido podia não ser muito claro. Depois de pesquisar em páginas como o Corpus do Português, Linguee, Babylon, entre outros, surgiram alternativas como: “trabalhar de baixo...”, “...por baixo” e “...do zero” (ainda que esta última tenha um significado ligeiramente diferente pois, quando a pessoa começa do zero, é com poucos ou nenhuns recursos e não numa posição hierarquicamente inferior dentro de uma empresa).

Por fim, preferiu-se introduzir o termo “cargos”, evitando o uso de uma preposição menos correta (de baixo, por baixo?) e quaisquer problemas de sentido ou compreensão da frase. Também se pode inferir o significado da frase, tanto pelo contexto, como pelo último comentário do Louis, afirmando que o pai não para de ser promovido.

3.3.Tradução de Humor

Um dos maiores desafios ao longo do estágio foi a tradução de humor. Uma vez que a personagem principal tem a ambição de se tornar um humorista famoso, os três livros estão repletos de piadas. O humor do Louis caracteriza-se principalmente por trocadilhos e jogos de palavras, fazendo também algumas alusões ao ambiente que o rodeia (hábitos dos professores da escola e dos pais).

Um dos principais problemas na tradução, para além de encontrar um equivalente que funcionasse na língua de chegada, foi o facto de a maior parte das piadas carecer de qualquer contexto. A situação mais flagrante diz respeito à série de piadas que aparece no final do primeiro e segundo livro, escritas por fãs das aventuras do Louis, que foram seleccionadas pelo próprio autor e incluídas nas várias edições. Apesar de não se tratar de um produto criativo do autor, teve-se igualmente de traduzir os trocadilhos inventados pelos leitores. Como estas piadas encontravam-se nas últimas páginas dos livros, não

fazendo parte da história, e a edição de um livro varia de país para país (*design* da capa, imagens, informação adicional a apresentar...) estas podem não vir a ser incluídas aquando da publicação.

No entanto, em relação à história em si, houve casos em que muitas das piadas que surgiam apareciam à parte do texto, pois ou tratava-se de exemplos que o Louis ia reunindo para juntar à sua coleção pessoal de anedotas (primeiro livro) ou eram piadas que tinham sido criadas pela personagem como resposta a perguntas de um teste de avaliação (segundo livro). Se estas demonstrações de humor fossem inseridas num contexto específico, mesmo que não se conseguisse obter um trocadilho equivalente na cultura de chegada, poder-se-ia criar alguma alusão ao contexto para tentar fazer uma piada. Tal acabaria por compensar a falta inicial de uma solução.

Uma vez que se trata de soluções criativas, torna-se bastante complicado explicar ou fundamentar como se obteve determinada tradução. Por isso, tentar-se-á comentar as várias estratégias que se foram desenvolvendo ao longo de todo o estágio, de forma a estimular a criatividade no sentido de encontrar soluções para os vários trocadilhos presentes no texto de partida.

Em primeiro lugar, sempre que se se deparava com uma piada, esta era apontada num documento Word, juntamente com as ideias que surgiam aquando da leitura. Caso se encontrasse uma solução que tivesse o mesmo efeito no texto de partida e no texto de chegada, era aceite como possível solução (na revisão final a opção era finalizada ou não). Nos casos em que não surgia uma solução adequada, tanto a piada como quaisquer ideias eram “arquivadas” nesse documento, sendo vistas regularmente para tentar encontrar uma proposta final (ou ter mais ideias). Este “adiamento” de obtenção de tradução definitiva não era por falta de paciência ou negligência, mas porque não era rentável em termos de produtividade estar demasiado tempo (horas...) a tentar encontrar uma solução para uma só piada, visto que prejudicaria o número de palavras traduzidas diariamente.

Procurou-se, também, ver várias listas de expressões idiomáticas, expressões com animais, alimentos..., provérbios, palavras parónimas, entre outras, a ver se se encontrava um trocadilho que funcionasse para se incluir numa piada. Esta procura e leitura de várias palavras com duplo significado ou homófonas estimulava a criatividade, pois permitia ver várias possibilidades de trocadilhos na língua portuguesa, ainda que não se conseguisse, inicialmente, inseri-los numa piada.

De seguida, mostram-se alguns exemplos de piadas traduzidas ao longo dos três livros. O princípio que rege todas as soluções é a obtenção de um trocadilho que funcione na língua de chegada (e seja compreendido). Tanto a situação, como os intervenientes da piada (o fundo, de certa forma) são secundários, pois podem alterar-se consoante a necessidade de criar um trocadilho com êxito.

Exemplo 1 – Situação similar, mas diferentes intervenientes	
Original	Tradução
There are <u>ten cats in a boat</u> and one jumps out. How many are left? None, <u>they are all copycats</u> .	Vão <u>dez macacos dentro de um barco</u> e um salta para a água. Quantos macacos sobram? Nenhum, <u>são todos macaquinhos de imitação</u> .
Why can't the <u>skeleton</u> go to the disco? <i>Because <u>it has no body to dance with</u></i> .	Porque é que a <u>meia</u> já não foi ao baile? <u>Ficou sem par</u> .
Which famous painter always <u>has a cold</u> ? <u>Van Cough</u> .	Que nome se dá a um esgrimista <u>constipado</u> ? <u>Um espadatchim!</u>

Veja-se a primeira piada. Na tradução o importante não é a situação (dentro de um barco), nem o interveniente (gatos no original), pois ambos podem, e devem, ser alterados para que a piada funcione na língua de chegada. O autor escolheu centrar a piada em gatos (“cats”), porque, na língua de partida, funciona com o trocadilho “copycat” (transmitindo a ideia de imitador), mas tal pode ser adaptado para a língua de chegada ao substituir-se o animal. Como em Português existe a expressão “macaquinho de imitação” para se referir a pessoas sem vontade própria ou que procuram sempre imitar as outras, tal revela-se uma boa solução tradutiva para esta piada, já que o efeito criado nas duas línguas é o mesmo.

A solução encontrada para o último exemplo da tabela apresenta uma piada bastante visual, uma vez que está dependente da perceção da onomatopeia para espirro (“atchim”) presente na palavra “espadatchim!”. Novamente, conseguiu-se o mesmo efeito nas duas línguas, ainda que através de distintos intervenientes.

Exemplo 2 – Situação diferente, mesmos intervenientes	
Original	Tradução
‘Why were the <u>elephants</u> thrown out of the	Porque é que os <u>elefantes</u> foram expulsos do

<u>swimming pool</u> ? Because <u>they wouldn't</u> <u>keep their trunks on</u> .	<u>circo</u> ? <i>Porque <u>estavam sempre de trombas</u>.</i>
--	--

Neste caso, há um jogo de palavras entre “trunks” (tromba de elefante e calções de banho), na língua inglesa, e “estar de trombas” (mau humor e o facto de os elefantes terem, naturalmente, trombas), na língua portuguesa, tendo-se mudado a situação da piada, de forma a ter sentido. Se, por um lado, é geralmente proibido estar sem calções de banho na piscina, também é inconveniente atuar no circo, um ambiente animado e de alegria, estando “de trombas”.

Exemplo 3	
Original	Tradução
Still, I bet if you asked Edgar what a <u>zombie's</u> favourite cereal is he wouldn't know it was <u>Rice Creepies</u> .	Mesmo assim, aposto que se perguntasses ao Edgar qual é o pequeno-almoço preferido de um <u>zombie</u> , ele não ia saber que são <u>papas de cerebrum</u> .

Neste exemplo, mostra-se uma alteração à marca de cereais “Rice Krispies”, de forma a torná-la a favorita de um zombie (“Rice Creepies”). Do mesmo modo, procurou-se fazer uma piada com um alimento familiar para as crianças portuguesas, transformando papas de Nestum em “papas de cerebrum” (algo que seria, também, aprovado por um zombie).

Exemplo 4		
Original	Tradução	Revisão
Bad spellers of the world <u>untie</u> . (Joke!)	<i>Maus soletradores do mundo, <u>unão-se!</u> (É uma piada!)</i>	<i>Pessoas que dão erros, <u>unão-se!</u> (É uma piada!)</i>

O último exemplo é uma piada que o Louis faz depois de a sua mãe o ter ajudado a escrever uma composição para inglês, corrigindo os erros todos que deu. É, novamente, uma piada visual, no sentido em que o Louis dá um erro propositado ao realçar a confusão (ortográfica) entre as palavras “unite” e “untie”. Para além disso, a frase em si também

relembra o lema comunista “trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”, adaptada para “spellers”.

Em vez de se utilizar uma palavra que adquirisse dois significados pela confusão de letras (“unite”/unam-se e “untie”/desapertar a gravata), propôs-se como solução da primeira versão do livro usar um termo que exemplificasse um erro de ortografia bastante comum na língua portuguesa. Uma vez que se lê, muitas vezes, a confusão entre os verbos “encontre-se” e “encontrasse” e também alguns no presente indicativo escritos com “ão” (falam e “falão”), por exemplo, preferiu-se recriar o erro presente no texto de partida através do termo “unão-se”.

Na revisão, alterou-se a frase inicial substituindo o termo “soletradores” por “pessoas que dão erros”. Isto porque, em português, o termo “soletrador” é bastante mais específico do que o termo em inglês, não sendo equivalentes diretos. Ao ler a definição do Dicionário da Língua Portuguesa para “soletrar” (“1. ler letra por letra; 2. ler de forma vagarosa”²⁹) comprova-se que tem uma aplicação mais oral, enquanto que, no inglês, o seu significado já é mais abrangente, podendo ser relativo à expressão oral ou escrita (segundo o Oxford Advanced Learner’s Dictionary: “to say or write the letters of a word in the correct order”³⁰).

Sendo a frase “Pessoas que dão erros, *unão-se*” a preocupação inicial devia-se ao facto de ter “dão” escrito de forma correta e, depois, “unam-se” escrito de forma errada: “unão-se”. Mas, por outro lado, este par também pode funcionar bem devido a essa mesma similitude de sons (dão e unam-se). Assim, como são sons parecidos, o Louis acaba por confundi-los e escreve mal (“dão e unão-se”).

3.4. Tradução de Nomes

Uma questão pertinente no contexto da literatura infanto-juvenil é a tradução dos nomes próprios, uma vez que não se aplica a mesma estratégia para todos.

Os nomes podem manter-se exatamente iguais ao do texto original (cópia), sofrer alterações de forma a enquadrarem-se no sistema linguístico da língua de chegada (transliteração), substituídos ou traduzidos, por exemplo (Hermans, 2015: 13). No entanto, quando os nomes têm um significado (descritivo, com uma característica que poderá ser

²⁹ Disponível em <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/soletra?ic-hover>

³⁰ Disponível em http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/spell_1?q=spell

importante para compreender a personagem ou a história) terão de ser traduzidos para que se cumpra o processo comunicativo e a intenção criativa do autor (Aguilera, 2005: 6).

Assim, para os três livros traduzidos, optou-se por manter os nomes próprios da mesma forma que aparecem no texto de partida (Louis, Maddy, Elliot...), mas, nos casos de alcunhas, já se ofereceu uma tradução (Spitty/Cuspidelas), pois era importante que o público-alvo compreendesse o significado do nome.

Vejam-se alguns exemplos da tradução de nomes próprios, os quais causaram uma maior dificuldade:

Exemplo 1	
Original	Tradução
He told me four times how lucky I was to come to his school and he kept getting my name wrong. It's Louis, pronounced Lou-ee, not as he said it, Lewis.	Disse-me, quatro vezes, como era sortudo por vir para esta escola e nunca disse o meu nome direito. É Louis: pronuncia-se Lou-ee, <u>terminando no "i" e sem dizer o "s" final</u> , como ele estava a fazer.

A frase acima citada aparece na primeira página do livro “How to Train your Parents”, quando o Louis conhece o diretor da nova escola em que se matriculou. Tornou-se claro que se deveria proceder a uma reformulação do texto, no sentido de aclarar como se pronuncia o nome da personagem principal, para que uma criança portuguesa soubesse dizê-lo facilmente.

Mantendo-se na tradução “e não Lewis, como ele disse” correr-se-ia o risco de o público não compreender imediatamente a mensagem, porque é incerto se saberá pronunciar “Lewis” de forma correta (dirá um som próximo do inglês “Louis” ou do mais familiar português “Luís”? Ou ainda acentuando no primeiro “é”, originando “Lé-uis”?). Assim, preferiu-se eliminar o termo “Lewis” como comparação fonética e descrever a forma de pronunciar o nome Louis, explicitando que não se diz o “s” final e termina-se no som “i”.

De seguida, apresenta-se um exemplo de tradução para uma série de alcunhas inventada pelo Louis:

Exemplo 2	
Original	Tradução
‘All right, it’s... <u>Twitchy</u> . I’m also known as “ <u>The Twitcher</u> ” and “ <u>Twitty</u> ” and sometimes “ <u>Twitchy the Twitty Twitcher</u> ”. But mainly just “Twitchy”. The reason is that every so often my face shakes, and a couple of seconds later my whole face just twitches.	– Está bem. Chamam-me o... “ <u>Tremeliques</u> ”. Também sou conhecido como “ <u>O Treme-treme</u> ” ou “ <u>Tique compulsivo</u> ” e, às vezes, “ <u>Tremeliques, o Treme-treme compulsivo</u> ”. Mas é principalmente “Tremeliques”. E isto porque, de vez em quando, dá-me uns espasmos na cara e, uns segundos depois, não para de tremer.

Na sua participação num programa televisivo, através de uma chamada telefónica, o Louis relata o seu problema (fictício) para que o Dr. Magnus, que preside o programa, o ajude. Decide inventar que tem tremuras espontâneas e que, por isso, os colegas da escola criaram-lhe um conjunto de alcunhas.

Lendo a frase do texto de partida nota-se que as alcunhas (“Twitchy”, “The Twitcher”, “Twitty”...) assumem também um papel de trava-línguas, no sentido em que há uma notória similitude fonética entre os vários vocábulos. Perante uma série de termos que transmite o significado de tremuras/tremer (tanto em forma de adjetivos como de substantivos) foi necessário procurar vários equivalentes possíveis em Português, e seus derivados, de forma a obter um efeito similar no texto de partida. Assim, começou-se por reunir um vocabulário relacionado com tremuras, como “tremeliques”, “tremores”, “tique”, “tremer”..., para depois adaptá-los à frase em questão.

Teve-se, ainda, em conta que os termos a usar, por se tratarem das alcunhas inventadas para o Louis, deveriam ser passíveis de se inserirem numa situação de “troca de nomes” por parte das crianças.

Por fim, também surgiram alguns exemplos interessantes a nível de insultos. Muitas vezes, tais vocábulos ou expressões são características da cultura de partida e nem sempre podem ser transferidos para outra língua de forma literal. Assim, procedeu-se a uma adaptação destes nomes trocados entre personagens, procurando criar um efeito similar ao texto de partida, reconhecível por uma criança portuguesa.

Vejam-se alguns exemplos:

Exemplo 3	
Original	Tradução
This is because I don't have to share it with <u>a loathsome, whiny midget</u> called Elliot.	Isto é porque já não tenho de partilhá-lo com <u>um diabrete chorão e detestável</u> chamado Elliot.
<u>Theo's a wet weed</u> . He always looks as if his parents have just washed and ironed him. And I know he can't help that. But he talks all the time in this quiet, whispery voice, is dead serious about everything and has no sense of humour at all (in other words, he doesn't laugh at any of my jokes).	<u>O Theo é um totó sem sal</u> . Está sempre com ar de quem acabou de ser lavado e engomado pelos pais. E sei que é algo que não consegue evitar. Mas fala sempre com uma voz calma e suave, leva tudo tão a sério e não tem sentido de humor algum (por outras palavras, não se ri de nenhuma das minhas piadas).

Na primeira frase, a personagem Louis comenta o facto de já não ter de partilhar o quarto com o seu irmão mais novo, a quem chama de “loathsome, whiny midget”. Em vez de se traduzir como “anão”, preferiu-se usar o termo “diabrete”, pois é um nome bastante comum, na nossa cultura, que se dá às crianças quando são pequenas e se comportam de forma irrequieta e turbulenta.

O segundo exemplo diz respeito ao Theo, colega de escola do Louis. Numa fase inicial da história, como se pode ver pelo excerto, esta personagem era extremamente atinada e apumada, sem graça e desprovida de uma personalidade que se impusesse aos demais. Tendo em conta a expressão portuguesa “sem sal” para referir algo ou alguém enfadonho, maçador e que não desperta interesse (definição retirada do Dicionário da Língua Portuguesa)³¹, achou-se oportuno aliar este conceito a “totó” (até porque os outros colegas são frequentemente apelidados de tal pelo Louis). Assim, obteve-se a expressão “totó sem sal” que será facilmente compreendida pelos leitores.

³¹Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sem-sal?express=sem+sal>

Conclusão

Após terminar o estágio curricular na editora Civilização e ter tido algum tempo para fazer uma reflexão ponderada, concluiu-se que foi uma experiência bastante positiva. Por um lado, pela oportunidade de trabalhar numa área de grande gratificação pessoal, tanto pelo amor aos livros, como pelo gosto do desafio em recriar uma obra noutra língua e cultura. Por outro lado, por ter aprendido tanto ao nível de competências de tradução literária, algo que ainda não havia explorado a fundo em contexto académico e em que pretendo continuar a investir. Pude não só perceber os desafios presentes nesta área, muitos dos quais não me tinha apercebido inicialmente, destacando-se especialmente a literatura infanto-juvenil e humorística, mas também procurar (por mim e com apoio) as melhores soluções para os problemas com que me deparei.

Para além disso, pude constatar a importância de ver um texto como um todo e de planear adequadamente a tradução, de forma a obter uma versão coerente e completa. Foi, também, gratificante sentir que estava a evoluir ao longo do estágio, uma vez que os problemas de tradução que, inicialmente, se afiguravam bastante “intimidantes”, já não pareciam tão impossíveis de solucionar.

Com o presente relatório procurei demonstrar de que forma as especificidades da tradução da literatura infanto-juvenil e humorística influenciavam a tradução, bem como os principais cuidados a ter. As estratégias de tradução serão sempre, até certo ponto, uma escolha pessoal do tradutor, uma vez que estarão dependentes do tipo de texto, objetivo, público-alvo, exigências do editor, por exemplo. Como tal, caberá ao tradutor saber discernir as melhores opções a tomar, de forma a obter uma tradução o mais adequada possível.

Apostei, ainda, num capítulo prático mais extenso, pois me parece bastante importante perceber como um tradutor obtém as soluções para os problemas que encontra numa tradução. Tal passa não só por ver o problema original e a forma como se revolveu, mas também por ver os passos todos que o levaram a determinar que uma solução, de entre muitas (ou nenhuma) era a mais adequada.

Apesar de este Mestrado não ter como foco a tradução literária, os ensinamentos aprendidos ao longo dos dois anos foram importantes e postos em prática ao longo do estágio, tanto a nível das estratégias e procedimentos de tradução, como da necessidade de

ter em conta o público-alvo e saber adequar a tradução em função deste (algo essencial na tradução de literatura infanto-juvenil). Como esta é uma das áreas que pretendo vir a exercer, no futuro, este primeiro contacto revelou-se bastante útil, porque me permitiu adquirir um conhecimento inicial da realidade da tradução literária. Por uma parte, pude perceber os vários desafios impostos ao tradutor, seja por questões de tempo dos prazos de entrega, seja pelos vários problemas de tradução que surgem nos textos. Por outra parte, pude ganhar experiência em tradução de livros do género infanto-juvenil e humorístico, atendendo a todas as suas características.

Bibliografia

Autores

- Aguilera, E. (2008). *The Translation of Proper Names in Children's Literature*. Universidade de Granada.
- Baker, M. (1992). *In other words: a coursebook on translation*. Londres: Routledge.
- Cascallana, B. (2014). Translating Cultural Intertextuality in Children's Literature. In: J. Van Coillie and W. Verschueren, *Children's Literature in Translation - Challenges and Strategies*, Nova Iorque: Routledge.
- Coelho, C. (2011). *A Tradução Audiovisual do Humor Verbal Como Processo Criativo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Crugnale, J. (2014). Joan Rivers Storms Out of CNN Interview: 'Shut Up!' (Vídeo). *The Wrap*. [em linha] Disponível em: <https://www.thewrap.com/joan-rivers-storms-out-of-live-cnn-interview-shut-up-video/> [Consult. 2016].
- Ferreira, R. (2010). *A tradução literária numa perspectiva metodológica: problemas de tradução em Le Livre des Fuites, de J.M.G. Le Clézio*. Universidade de Coimbra.
- Freitas da Costa, M. (2007). P.G. Wodehouse. [Blogue] *O Futuro Presente*. Disponível em: <http://ofuturopresente.blogspot.pt/2007/07/p-g-wodehouse.html> [Consult. 14 abril de 2016].
- Hermans, T. (2015). On translating proper names, with reference to De Witte and Max Havelaar. In: M. Wintle, ed., *Modern Dutch Studies. Essays in Honour of Professor Peter King on the Occasion of his Retirement*. Grã-Bretanha: Bloomsbury Academic.
- Hickey, L. (1998). Perlocutionary Equivalence: Marking, Exegesis and Recontextualisation. In: L. Hickey, ed., *The Pragmatics of Translation*, 1ª ed. Multilingual Matters.

- Johnson, P. (2003). *How to Train Your Parents*. Londres: Yearling.
- Johnson, P. (2013). *My Parents are out of Control*. Londres: Yearling.
- Johnson, P. (2015). *My Parents are Driving me Crazy*. Nottinghamshire: Award Publications Limited.
- López, B. (2005). La traducción del humor no es cosa de risa: un nuevo estado de la cuestión. In: *Actas del II Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación*. [em linha] Madrid. Disponível em: http://www.aieti.eu/pubs/actas/II/AIETI_2_BSL_Traduccion.pdf [Consult. maio de 2016].
- Mondim, C. (2013). *Os Desafios da Tradução na Literatura Infanto-Juvenil: Are You There, God? It's Me Margaret de Judy Blume*. Universidade Católica Portuguesa.
- Paruolo, E. (2010). Translating Food in Children's Literature.
- Raphaelson-West, D. (1989). On the Feasibility and Strategies of Translating Humour. *Meta: Translators' Journal*, [em linha] 34(1). Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/1989/v34/n1/003913ar.pdf> [Consult. maio de 2016].
- Torre, E. (1994). *Teoría de la traducción literaria*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Valério, S. (2010). *Relatório de Estágio*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Vandaele, J. (2010). Humor in translation. In: Y. Gambier and L. van Doorslaer, ed., *Handbook of Translation Studies: Volume 1*. John Benjamins Publishing Company.
- Venuti, L. (2008). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. 2ª ed. E.U.A e Canadá: Routledge.

Entradas de dicionário

- brotherhood in *Inglês/Português* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/brotherhood> [Consult. setembro 2016].
- cabaré in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cabare> [Consult. setembro de 2016].
- cabeça de vento in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cabeça+de+vento?express=ter+a+cabeça+no+lugar> [Consult. setembro 2016].
- Dalzell, T. & Victor, T. (2013). Die on your arse. In: *The New Partridge Dictionary of Slang and Unconventional English*, 2ª ed. Nova Iorque: Routledge.
- excelentíssimo in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/excelentissimo> [Consult. setembro de 2016].
- flashback in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/flashback> [Consult. setembro de 2016]
- flashback. In: *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 1ª ed. [em linha] Oxford University Press. Disponível em: <http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/flashback?q=flashback> [Consult. 9 de setembro de 2016].

- indian summer. In: *Dictionary.com Unabridged*, 1^a ed. [em linha] Random House. Disponível em: <http://www.dictionary.com/browse/indian-summer?s=t> [Consult. 6 de setembro de 2016].
- riverdance. In: *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. [em linha] Oxford University Press. Disponível em: <http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/riverdance?q=riverdance> [Consult. 8 de setembro de 2016].
- safe. (2016). In: *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. [em linha] Oxford University Press. Disponível em: http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/safe_1?q=safe [Consult. a 8 setembro de 2016].
- sensaborão. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/Sensabor%C3%A3o> [Consult. a 11 setembro de 2016].
- sem-sal in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sem-sal?express=sem+sal> [Consult. setembro de 2016].
- shortbread In: *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. [em linha] Oxford University Press. Disponível em: <http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/shortbread?q=shortbread> [Consult. a 7 setembro de 2016].
- shortcake in *Inglês/Português* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/shortcake> [Consult. setembro de 2016].
- soletra in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016.. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/soletra?ic-hover> [Consult. setembro de 2016]

- spell In: *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. [em linha] Oxford University Press. Disponível em: http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/spell_1?q=spell [Consult. 11 setembro de 2016].
- verão de S. Martinho. In: *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. [em linha] Porto Editora. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/verão> [Consult. em Maio 2016].

Outras páginas de Internet

- Covent-garden.co.uk. (2016). *Theatres Index Page*. [em linha] Disponível em: <http://www.covent-garden.co.uk/Theatres/> [Consult. 2016].
- Petejohnsonauthor.com. (2016). *Pete Johnson*. [em linha] Disponível a: <http://www.petejohnsonauthor.com/> [Consult. 2016].
- Wodehouse.co.uk. (2016). *P.G. Wodehouse - The Official Website*. [em linha] Disponível em: <http://www.wodehouse.co.uk/index.asp> [Consult. abril de 2016].

Anexos

Anexo 1 – Protocolo de Estágio

Protocolo de Estágio do Curso de Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos

1.Introdução

O presente protocolo é celebrado entre a **Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, adiante designada por FLUP, com número de identificação fiscal 501 413 197 sita à Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, representada pela Diretora, Professora Doutora Fernanda Ribeiro, na qualidade de sede administrativa do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos adiante designada por FLUP, a **Civilização Editora**, adiante designada por IE, e o estudante do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da FLUP, **Flávia Raquel Santos Vicente** adiante designado por Estagiário, no âmbito da realização do trabalho de Estágio na IE.

Oficializa a cooperação entre as instituições e o Estagiário supra identificados e estabelece os seus principais deveres e direitos, com vista ao melhor aproveitamento, por parte dos mesmos, das potencialidades científicas, técnicas e humanas envolvidas na realização do trabalho de Estágio.

2.Duração e enquadramento do Estágio

Nos termos do Regulamento do Ciclo de Estudos conducente ao grau de mestre em Tradução e Serviços Linguísticos (Deliberação nº 207/2007, DR, IIª Série, nº 29, de 9 de fevereiro de 2007, alterada pela Deliberação nº 2312/2009, DR, IIª Série, nº 152, de 7 de agosto de 2009) e o Regulamento Geral de 2º Ciclos de Estudos da Universidade do Porto (GR.05/11/2009, de 24 de Novembro de 2009), os Estágios deverão cumprir a apresentação de relatório final, em ato público, e obrigam a um total de 410 horas.

O estágio, de natureza curricular é realizado em ambiente de trabalho normal, nas instalações da IE. Enquadra-se nas normais atividades da IE, devendo resultar no desenvolvimento do relatório final elaborado para o efeito e em conformidade com o plano de estágio anexo a este Protocolo.

3.Resumo do trabalho previsto

Para este Estágio é definido um plano de estágio detalhado que se anexa a este protocolo.

4. Período de duração do Estágio

O Estágio terá a duração de 410 horas, tendo início em 1 de janeiro de 2016 e término em 31 de março de 2016 decorrerá nos dias úteis, reservando-se, sempre que se justifique, um dia por mês para realização de reuniões de acompanhamento na Faculdade com o respetivo orientador.

5. Pessoal envolvido no acompanhamento do Estágio

O Estagiário é orientado e acompanhado por um Orientador de entre o pessoal da IE e por um ou dois Orientadores de entre o corpo docente da FLUP, com os quais reúne regularmente, para que o trabalho cumpra com o especificado no plano previamente acordado pelos Orientadores das duas partes e permita a sua classificação final.

6. Obrigações dos diversos intervenientes

6.1. Da IE - Instituição de Estágio

A instituição de acolhimento:

1. Fica isenta de conceder ao estagiário qualquer espécie de remuneração pelo trabalho específico de estágio, mas pode, se assim o entender, fornecer apoio financeiro à estagiária;
2. Compromete-se a, por princípio, não atribuir ao estagiário, tarefas que não se enquadrem ou não sejam adequadas, ao programa de formação acordado;
3. Deve igualmente:
 - a) Aceitar o Estagiário e proporcionar-lhe as condições de trabalho necessárias para a realização do projeto de Estágio.
 - b) Nomear o Orientador da IE de entre o seu pessoal técnico, com competências compatíveis com as áreas abrangidas pelo projeto.
 - c) Facilitar à Estagiária a informação indispensável da IE para o projeto em causa, assim como de tecnologias sua propriedade ou de terceiros, a utilizar.
 - d) Autorizar a divulgação, em âmbito adequado, de informação envolvida no Estágio, na forma de apresentações na FLUP, de acordo com este protocolo.
 - e) Autorizar a permanência, na biblioteca da FLUP, de um exemplar do relatório final do Estágio, de acordo com este protocolo.
 - f) Emitir parecer sobre o desempenho do Estagiário.



6.2. Do Orientador da Instituição de Estágio

Cabe ao Orientador da Instituição de Estágio:

1. Participar em todas as reuniões técnicas com o Estagiário e em reuniões de acompanhamento com o Estagiário e com o Orientador da FLUP.
2. Orientar o Estagiário no sentido de este seguir as linhas estratégicas mais adequadas no planeamento e desenvolvimento do Estágio, enquadrando-o da melhor forma na atividade laboral da Instituição.
3. Informar o Orientador da FLUP de eventuais problemas surgidos no decorrer do Estágio.
4. Pronunciar-se sobre o conteúdo do relatório final do Estágio.
5. A possibilidade de participar na apresentação final do Estágio na FLUP, integrando o júri de avaliação definido no respetivo regulamento.
6. Dar opinião qualitativa dos trabalhos desenvolvidos, com vista à atribuição da classificação final do Estágio.

6.3. Da FLUP

Cabe à FLUP, na pessoa do Diretor do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos:

1. Assegurar que o Estagiário possui, através da FLUP, um seguro de acidentes pessoais.
2. Nomear o Orientador da FLUP.
3. Assegurar as condições necessárias ao bom acompanhamento do Estagiário por parte do Orientador da FLUP.
4. Assegurar as condições necessárias à realização da apresentação final do Estágio e sua avaliação.

6.4. Do Orientador da FLUP

Cabe ao Orientador da FLUP:

1. Participar nas reuniões de acompanhamento, agendadas entre as partes envolvidas no estágio, comunicadas atempadamente, e consideradas relevantes.
2. Acompanhar e avaliar o trabalho em desenvolvimento, de forma a garantir, por um lado, a sua exequibilidade e, por outro, a sua dignidade como trabalho de Estágio.
3. Tomar as devidas providências em caso de ocorrência de problemas no decorrer do Estágio, nomeadamente participando os factos ao Diretor do Mestrado.

4. Orientar o Estagiário no desenvolvimento do trabalho e na escrita do relatório autorizando a entrega deste quando a qualidade atingida seja a desejada.
5. Participar na apresentação final do Estágio, integrando o júri de avaliação definido no respectivo regulamento.
6. Dar opinião acerca das componentes do Estágio em avaliação, com vista à atribuição da classificação final do mesmo.

4

[Handwritten signatures]

6.5. Do Estagiário

São deveres do Estagiário durante o seu período de estágio:

1. Desempenhar com zelo e diligência as suas funções, respeitando sempre o restante pessoal da IE.
2. Respeitar os horários definidos, com assiduidade, assim como outras regras internas da IE.
3. Participar em todas as reuniões para as quais seja convocado, realizadas no âmbito do trabalho de Estágio, com os Orientadores, pessoal da IE ou outras entidades.
4. Elaborar os planos de trabalho e relatórios julgados necessários.
5. Cumprir os prazos estipulados no Regulamento de Estágios.
6. Escrever um relatório final de Estágio assim como realizar uma apresentação pública do trabalho desenvolvido, sob a orientação e aprovação dos Orientadores.
7. Sujeitar-se à avaliação do Estágio nas componentes:
 - a. Trabalho Desenvolvido
 - b. Relatório Final
 - c. Apresentação Oral e Defesa

7. Disposições não incluídas no presente protocolo

Não se consideram incluídas no presente protocolo quaisquer disposições relativas a eventuais pagamentos a efetuar pela Instituição de Estágio à Estagiária, a título de remuneração, subsídios ou outras formas de retribuição, pela realização do Estágio. Essas disposições, caso existam, devem ser objeto de acordo específico celebrado entre a Instituição de Estágio e o Estagiário.

8. Validade

O presente protocolo é válido a partir da data da última assinatura até à data da apresentação final do Estágio.

9. Sigilo

O estagiário bem como o orientador de estágio que, no âmbito das atividades de estágio, tomem conhecimento de informações de natureza confidencial ou reservada, ficarão obrigados à conservação do sigilo sobre os mesmos.

10. Revogação

Os contraentes poderão, a todo o tempo, revogar o presente protocolo, desde que o desenvolvimento do estágio se apresente lesivo do funcionamento normal da IE ou por incumprimento dos objetivos e plano de estágio fixado.

Feito em triplicado (três exemplares originais, sendo um para a FLUP, outro para a IE e outro para o Estagiário).

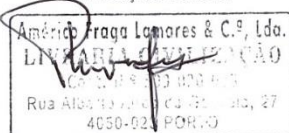
Porto, 23 de novembro de 2015

Diretora da Faculdade de Letras
da UP



(Prof.ª Doutora Fernanda Ribeiro)

Civilização Editora

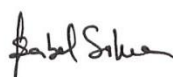


Estagiário

Flávia Vicente

(Dra. Flávia Raquel Santos
Vicente)

Orientador da IE



(Dra. Isabel Silva)

Orientador da FLUP



(Prof. Doutor Thomas Husgen)

Orientadora da FLUP



(Prof.ª Doutora Andrea
Iglesias)

PLANO DE ESTÁGIO

(ANEXAR)

Anexo 2 – Declaração de Realização e Conclusão de Estágio Curricular (Avaliação)



DECLARAÇÃO DE REALIZAÇÃO E CONCLUSÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR

Para os devidos efeitos se declara que Flávia Raquel Santos Vicente, aluna do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, realizou um estágio curricular com a duração de 410 horas (entre o dia 1 de janeiro de 2016 e o dia 31 de março de 2016) na empresa Civilização Editora, como definido em protocolo próprio, assinado por ambas as entidades.

O objetivo principal traçado pela empresa para o referido estágio consistiu na realização de traduções de inglês para português de livros infantojuvenis, em regime externo. A estagiária cumpriu na totalidade o objetivo, tendo efetuado as seguintes traduções:

How to Train Your Parents, Pete Johnson

My Parents Are Out of Control, Pete Johnson

My Parents Are Driving Me Crazy, Pete Johnson

A estagiária cumpriu plenamente os objetivos que lhe foram propostos, começando pelo prazo estipulado para a entrega das traduções. Durante as reuniões técnicas com a orientadora do estágio, assim como nas comunicações por e-mail, a estagiária mostrou-se sempre interessada em obter feedback quanto à qualidade do seu trabalho e colocou questões, pediu sugestões e trocou opiniões sempre com o objetivo de melhorar o seu desempenho. Empenhou-se em perceber o caráter específico deste género de traduções e revelou métodos de trabalho.

Os resultados alcançados são expressão das capacidades e do profissionalismo revelados pela estagiária. Pelo exposto se declara que este estágio foi concluído com elevado nível de sucesso.

Porto, 08 de Julho de 2016



(Isabel Leite da Silva)

Orientadora de estágio

sede Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto, Portugal
geral (00351) 226 050 900
dep. comercial (00351) 226 050 910
dep. financeiro (00351) 226 050 930
fax (00351) 226 050 999
www.civilizacao.pt

filial Rua Correia Teles, 84 B
1350-104 Lisboa, Portugal
tel (00351) 213 808 010
fax (00351) 213 808 019